

Yuna Ribeiro Conceição

**A POTÊNCIA DA CRIAÇÃO DE ANA CRISTINA CESAR NO LONGA-
METRAGEM *BRUTA AVENTURA EM VERSOS***

CELACC/ECA – USP

2013

Yuna Ribeiro Conceição

**A POTÊNCIA DA CRIAÇÃO DE ANA CRISTINA CESAR NO LONGA-
METRAGEM *BRUTA AVENTURA EM VERSOS***

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora da Pós-graduação do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, como exigência parcial para obtenção do título de especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos sob a orientação da Profa. Dra. Cláudia Fazzolari.

CELACC/ECA - USP

2013

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho aos poetas e amantes da
poesia.*

AGRADECIMENTOS

Aos professores do curso de Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, em especial, à Profa. Dra. Cláudia Fazzolari, por toda dedicação, disponibilidade e conhecimento, que tornaram essa trajetória de formação um espaço para a quebra de paradigmas e possibilitaram a construção deste artigo.

Ao meu filho, Caio Ribeiro Barros, pelo carinho e incentivo mais verdadeiros, com quem divido o exercício diário de interpretação do mundo e da vida, aprendendo infinitamente mais do que ensinando.

Às minhas irmãs, Juli e Marcela, pela cumplicidade simples, sólida e essencial; aos meus pais, Cynthia e Carlinhos, pelas primeiras lições, base de minhas crenças e sonhos; e aos amigos de sempre, pelo precioso apoio durante todo o caminho.

À Letícia Simões, autora do *Bruta Aventura em Versos*, pela disponibilidade em contar apaixonadamente como foi o processo de criação que envolve o documentário, bem como por emprestá-lo para a realização do artigo.

À Heloísa Buarque de Hollanda, antropóloga notória, por suas palavras e estudos norteadores.

Fagulhas

*Abri curiosa
o céu.*

Assim, afastando de leve as cortinas.

*Eu queria rir, chorar,
ou pelo menos sorrir*

*com a mesma leveza com que
os ares me beijavam.*

*Eu queria entrar,
coração ante coração,
inteiriça,*

*ou pelo menos mover-me um pouco,
com aquela parcimônia que caracterizava
as agitações me chamando.*

*Eu queria até mesmo
sabe ver,*

*e num movimento redondo
como as ondas
que me circundavam, invisíveis,
abraçar com as retinas
cada pedacinho de matéria viva.*

*Eu queria
(só)*

*perceber o invislumbrável
no levíssimo que sobrevoava.*

Eu queria

*apanhar uma braçada
do infinito em luz que a mim misturava.*

Eu queria

*captar o impercebido
nos momentos mínimos do espaço
nu e cheio.*

Eu queria

*ao menos manter descerradas as cortinas
na impossibilidade de tangê-las.*

Eu não sabia

*que virar pelo avesso
era uma experiência mortal.*

Ana Cristina Cesar

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. Bruta Aventura em Versos: o projeto de Letícia Simões.....	9
2. Ana Cristina Cesar: trajetória de uma criadora incansável	14
2.1 Perceber o “invislumbrável”: mulher, poeta e marginal	16
3. A Geração Mimeógrafo e a Poesia Marginal	25
4. Bruta Aventura em Versos: o alcance de Ana Cristina na atualidade	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34
ANEXOS.....	36
1. Entrevista com Letícia Simões.....	37
2. Entrevista com Heloisa Buarque de Hollanda.....	46
3. Ficha técnica do Bruta Aventura em Versos.....	48
4. Capa da versão impressa.....	58

A potência da criação de Ana Cristina Cesar no longa-metragem *Bruta*

Aventura em Versos

Yuna Ribeiro Conceição¹

RESUMO

Inserido no contexto da poesia marginal e dos estudos de gênero, a proposta deste artigo é compreender como um projeto audiovisual, o *Bruta Aventura em Versos*, ressalta a poesia e o alcance da criação de Ana Cristina Cesar. O artigo tem como unidade de análise o documentário, a obra da poeta, as entrevistas com a cineasta Letícia Simões e com a professora Heloisa Buarque de Hollanda. O estudo mostra como a leitura de Ana C. através do documentário destaca o diálogo com seus leitores, que a partir de sua voz poética questionam a construção de identidade, criam e se expressam, mantendo viva a obra da autora.

Palavras-chave: poesia, gênero, identidade, documentário, Ana Cristina Cesar.

ABSTRACT

Inserted in the context of marginal poetry and genre studies, the purpose of this article is to understand how the audiovisual project, *Bruta Aventura em Versos*, emphasizes Ana Cristina Cesar's poetry and her scope of creation. The unit of analysis of the article is the documentary, the work of the poet, interviews with the filmmaker Leticia Simões and the Professor Heloisa Buarque de Hollanda. The study shows how reading Ana C. through the documentary highlights the dialogue with her readers, who, from her poetic voice, question the construction of identity, create and express, keeping alive the work of the author.

Keywords: poetry, genre, identity, documentary, Ana Cristina César.

RESUMEN

Ubicado en el contexto de la poesía marginal y de los estudios de género, el propósito de este artículo es entender como el proyecto audiovisual, el *Bruta Aventura em Versos*, enfatiza la poesía y el alcance de la creación de Ana Cristina César. La unidad de análisis del artículo es el documentario, la obra del poeta, las entrevistas con la cineasta Leticia Simões y la Profesora Heloisa Buarque de Hollanda. El estudio muestra cómo la lectura de Ana C. por medio del documentario destaca el diálogo con sus lectores, que a partir de su voz poética cuestionan la construcción de la identidad, crean y se expresan, manteniendo viva la obra dela autora.

Palabras-clave: poesía, género, identidad, documentario, Ana Cristina César.

¹ Graduada em Automação de Escritórios e Secretariado pela Faculdade de Tecnologia de São Paulo (2007), está concluindo o curso de especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos pelo CELACC – ECA/USP (2013). Atualmente trabalha na área de Relações Institucionais e Comunicação da Prefeitura do Campus da USP. Escreve poesias desde 2008 em seu blog yunaribeiro.blogspot.com.br.

INTRODUÇÃO

A poesia é constantemente reeditada, resgatada, ressignificada e pode ganhar novos formatos e força a cada leitura. Na atualidade, as releituras da criação poética ganham diferentes plataformas nas mídias virtuais e audiovisuais, com composições e ritmos inesperados.

Parcela significativa da poesia hoje, que se manifesta em saraus, rodas de poesia, sites, blogs, coletivos organizados nos grandes centros urbanos e periferias, ainda com espaço restrito, dialoga com a proposta dos Poetas Marginais dos idos de 1970, com suas edições mimeografadas e propositalmente improvisadas, escapando do mercado editorial muitas vezes limitado e, cerceador. Essas referências chegam aos públicos mais diversos, que se identificam com a coragem exposta no movimento da chamada Geração Mimeógrafo.

Dentre os ecos vivos desta poesia “marginal”, este artigo pretende analisar as estratégias de um projeto vivencial, retratadas no longa-metragem *Bruta Aventura em Versos*. Este documentário realizado com a concepção, produção e direção da jovem poeta e cineasta Letícia Simões, trata da vida e obra da escritora Ana Cristina Cesar. O processo criativo, a gestão do projeto e o resultado do longa-metragem são a base da reflexão crítica sobre o alcance das apropriações da criação de Ana C.. Por meio dos relatos de artistas, de amigos e de leitores, que mantêm viva a obra da escritora, o resgate de sua lúcida voz poética é contribuição fundamental para a reafirmação de uma potência criadora, extremamente necessária na contemporaneidade.

Em meio ao roteiro do documentário é apresentado um recorte significativo da poesia marginal brasileira incluindo a própria discussão do que é ser marginal, a dimensão da obra de Ana Cristina César como poeta marginal e sua relação com outros poetas. O documentário aborda a participação da escritora no movimento sem perder a identidade de sua criação, destacando sua temática tão específica na procura de uma voz direta, aguda e certa, e sua relação com o leitor, como correspondente, confidente, íntimo e estranhamente cúmplice em suas composições pretensamente soltas em forma de diário.

A partir do projeto do documentário é possível acompanhar a trajetória de uma poeta, cineasta e mulher na busca por outra poeta. Durante esse processo criativo Letícia Simões buscou uma linguagem não só estética e em versos, mas também um espaço de expressão para um discurso singularmente feminino, quebrando paradigmas, enfrentando resistências

históricas e ainda atuais no reconhecimento de uma figura polêmica, fortemente influenciada pelo feminismo e com uma escrita que não corresponde aos padrões impostos culturalmente às mulheres.

As singularidades fizeram parte também do processo de viabilização do documentário, um projeto independente. A pouca experiência tanto na criação e produção de um longa-metragem, como na formatação de um projeto dentro dos moldes institucionais exigidos em editais de incentivo fiscal, determinaram um caminho “marginal” para a realização do longa-metragem, que se concretizou praticamente sem recursos, com muito trabalho colaborativo e voluntário, inspirado pela poesia de Ana C., esses fatores foram determinantes para o resultado.

Desta maneira, analisar o desenvolvimento do projeto *Bruta Aventura em Versos* possibilita abordar questões relativas aos processos subjetivos e de criação inspirados no movimento da Poesia Marginal, com o aprofundamento na obra de Ana Cristina Cesar, assim como discutir às condições da produção cultural de audiovisual e de poesia na atualidade.

1. *Bruta Aventura em Versos*: o projeto de Letícia Simões

(...) a Letícia conseguiu uma identificação profunda com a Ana e o filme "falou" como se fosse a própria Ana. As imagens, o ritmo, as entrelinhas, os pequenos suspenses da dicção do filme, tudo me leva a isso. (Entrevista de Heloisa Buarque de Hollanda concedida a autora em 31/03/13).

O documentário *Bruta Aventura em Versos* configura um projeto autoral, realizado com poucos recursos e com a participação colaborativa e praticamente voluntária de profissionais amigos de Letícia Simões. Segundo a jovem cineasta, hoje com 25 anos, a primeira coisa que fazia era apresentar aos colaboradores de sua futura equipe a obra de Ana Cristina Cesar, para só então perguntar se entrariam no projeto, todos os convidados aceitaram. Contou também com o apoio das produtoras Matizar e Artezanato Eletrônico em sua etapa final, o que tornou possível sua finalização e veiculação.

O processo de criação do documentário teve início em meados de 2009, quando Letícia Simões, sem qualquer experiência com editais de incentivo fiscal para financiamento do projeto, teve grande dificuldade em dar continuidade ao documentário. Letícia relata que nessa fase não conseguia estruturar um plano objetivo, além de não ter organizada uma ideia fechada sobre como seria o filme.

(...) O projeto era muito apaixonado e mais concentrado na minha ânsia/urgência de explicar a beleza, a diferença, a unicidade da poesia de Ana Cristina Cesar do que falar do efetivo documentário em si, de como ele se estruturaria, de como uma ideia/paixão se tornaria, enfim, uma obra audiovisual com início, meio e fim, em 75 minutos. (Entrevista de Letícia Simões à autora em 26/02/2013)

A cineasta buscava então referências processuais nos documentários de Eduardo Coutinho e seu objetivo era expresso como: “partir das pessoas que usaram a poesia da Ana como um salto, uma descoberta, para o seu próprio processo de criação artística” (Entrevista de Letícia Simões concedida à autora em 26/02/2013).

Segundo Letícia Simões, o fato de não ter sido contemplada por editais de financiamento certamente modificou o resultado final do projeto. O tempo para pesquisa foi maior, pois não teve que seguir um cronograma específico, podendo até mesmo viajar para a Inglaterra, procurando os lugares por onde Ana C. passou. Além disso, ao se desdobrar como diretora, roteirista, narradora, fotógrafa, pesquisadora, produtora e finalizadora, elaborou os rumos de um projeto complexo, assumindo total responsabilidade pelos investimentos que conseguiu viabilizar e o constante risco de que o projeto não se concluísse. Nesse período, contava com seu trabalho na produtora Matizar, o que garantiu alguma segurança e liberdade para se dedicar ao longa-metragem.

A motivação para a produção do *Bruta Aventura em Versos* se deu pelo interesse de Letícia pela poesia, numa tentativa de reunir suas diferentes formas de expressão num único projeto. Leitora e poeta, sua crença na necessidade de difundir a poesia, mesmo dentro do meio literário, ganhou força com a ideia de buscar na linguagem audiovisual espaço para a intensidade dos textos de Ana Cristina Cesar. Mesmo sendo uma autora relativamente conhecida, principalmente por sua morte precoce em um suicídio, Ana C. é pouco lida, os livros são difíceis de encontrar e na internet os poemas ainda são poucos, considerando toda sua obra. Segundo Letícia: “o filme é uma carta de amor de uma poeta para outra, sim, mas, principalmente, uma carta que quase grita: ei! Prestem atenção nessa poeta, ela é o máximo, vocês precisam conhecê-la.” (Entrevista concedida à autora em 26/02/2013).

No longa-metragem seguimos o olhar do leitor de Ana Cristina Cesar, que se debruça sobre seus livros, manuscritos e rascunhos, buscando a autora, confuso entre a vida da poeta e suas intenções literárias, sempre em conflito. Como diz Letícia na abertura do documentário:

a Ana rasga, ninguém passa de raspão por ela, a poesia dela abre, fundo, abre até o ponto em que não se sabe onde ficou o anzol (...) a Ana consegue ser absolutamente universal e delicadamente particular, mas é preciso tentar, tentar além da Ana, tentar através da Ana, porque talvez assim, e só assim, seja possível segurá-la no salto ou segurá-la no ar. (SIMÕES, 2011)²

Partindo da voz de Ana Cristina Cesar, a cineasta destaca uma longa conversa com artistas e poetas, amigos da autora, como Armando de Freitas Filho, grande amigo, poeta e ensaísta; Heloisa Buarque de Hollanda, amiga, professora de Teoria Crítica da Cultura na UFRJ e diretora da Aeroplano Editora; Ricardo Chacal, poeta; e também com poetas da geração atual, como Laura Liuzzi e Alice Sant'Ana. A cineasta buscou apresentar os entrelaçamentos entre as vidas destas personagens e a da poeta, procedimento realizado a partir de referências biográficas ou textuais. Conforme relato da cineasta verifica-se a motivação dessa trajetória de criação:

Para mim, tratava-se de algo mais profundo que mera influência, entende? Uma pessoa, ao longo da vida, é influenciada/tocada por muitos criadores de diversas áreas artísticas, mas no caso da Ana eu fui percebendo (inclusive a partir da minha própria relação com aquela poética) que o modo como ela engendra seu discurso poético, suas artimanhas, seu jogo de espelho, sua busca pelo diálogo com leitor e, mais, pela criação de uma poética que envolve diretamente o leitor, foi uma influência decisiva e fulminante em pessoas de 16 anos, como Alice Sant'Anna e pessoas que já estavam na casa dos 70, como Paulo José. Uma força tão poderosa que, para eles, não se tratava de apenas absorver aquelas fendas & fissuras - eles se sentiram impelidos a produzir algo, a FAZER algo, quase como se fosse a RESPONDER ao chamado que Ana Cristina faz em sua poesia. (Entrevista de Letícia Simões a autora em 26/02/2013)

Algumas das obras que compõem o universo literário de Ana Cristina Cesar fazem parte da composição visual e do lirismo proposto no documentário. A principal delas, *A teus pés*, é apresentada no longa com uma dedicatória carinhosa da autora para seu amigo Armando de Freitas Filho. Heloisa Buarque de Hollanda, além de mostrar um envelope antigo de extensas cartas, exhibe um exemplar do livro *Correspondência Completa*, em formato e projeto gráfico dignos da Geração Mimeógrafo: um pequeno livro de folhas xerocadas e capa amarela. A câmera do documentário percorre ainda as páginas da *Pasta Rosa*, revelando o

² Trecho, da fala de abertura, da diretora e poeta Letícia Simões no documentário *Bruta Aventura em Versos*.

trabalho árduo de escrita e reescrita dos poemas, mostrando as diferentes versões de um mesmo texto e acompanhando parte do processo criativo. Aparecem também, os desenhos do caderno Portsmouth – Colchester, entremeados pelas palavras de seus leitores, admiradores e tradutores.

O projeto audiovisual do *Bruta Aventura em Versos*, cuidadosamente ritmado, permite a leitura dos textos e dos poemas, sem perder a continuidade e o movimento, conduzindo o espectador de maneira fluida. A trilha sonora mescla música, voz, ruídos de papel, sons de passos fortes, sons do vento e da máquina de datilografar. As vozes são de Ana C. em entrevistas, lendo seus próprios poemas, como também dos entrevistados, ora contando sua relação com a autora, ora lendo trechos de seus poemas inspirados pela poeta.

A entrevista com Armando Freitas Filho para o documentário é carregada de emoção, revelando o curador da obra da Ana C. e também o poeta. Ele procura, em cada palavra, mostrar a importância da amiga em sua vida e para a poesia brasileira. Como declara, em *Inéditos e Dispersos* (1998): “O lugar que ocupa é na linha do horizonte – virtual e veloz. Seu verso, que pertence à vertente cultivada da geração que apareceu em 70, é, hoje, pedra de toque para toda poesia que se quer nova”. Através de suas lembranças comenta sobre quando conheceu a poeta, fala sobre suas constantes e intensas trocas em longas conversas e trabalhos, mostrando a primeira edição de *Luvras de Pelica* e algumas cartas, que mais parecem recortes de sua obra. Fala das especificidades e dos assuntos chocantes que expressava em seus textos mesmo sendo tão jovem: “ela era bastante discreta na vida pessoal, e bastante indiscreta na poesia”.

Na entrevista com Heloisa Buarque de Hollanda, são destacados os recursos literários que Ana C. usava, com uma poesia quase sempre em formato de anotação e não de poema, porém dotada de forte carga poética. Comenta sobre a influência do contexto em que viviam, com a constante pressão da ditadura militar, com amigos exilados e, relata como a poesia por apresentar um público relativamente pequeno, tornou-se uma forma importante de expressão da época, pois não chamava a atenção dos mecanismos de repressão. Além disso, conta como a poesia de Ana Cristina Cesar estava influenciada pelo início dos estudos feministas e atenta às discussões sobre o que seria uma poesia de homem ou de mulher, elementos que fizeram parte de seus temas, a poeta jogava constantemente com esses papéis em sua subjetividade ambígua.

Nas palavras de Chacal pode-se perceber a identificação e o estranhamento de Ana C. com o movimento marginal. O poeta destaca algumas características marginais da autora presentes em seus textos (cartas) e fragmentos de diário, como por exemplo, o seu humor requintado, irônico e a forma como ridicularizava e brincava com a tradição. Lembra ainda do poema que compôs em sua homenagem:

gosto muito de olhar um poema
até não mais divisar o que é
respiração noite vírgula
eu ou você
gosto muito de olhar um poema
até restar apenas
voceu
(Chacal)³

Estes versos foram inspirados pelo seguinte poema de Ana C.:

olho muito tempo o corpo de um poema
até perder de vista o que não seja corpo
e sentir separado dentre os dentes
um filete de sangue
nas gengivas
(CESAR, 1984: p. 59)

É importante destacar que o documentário também apresenta a inspiração da obra de Ana Cristina Cesar nos palcos de teatro com a peça *Um Navio no Espaço ou Ana Cristina César* (atuação dos atores Ana Kutner e Paulo José) e nos espetáculos de dança contemporânea propostos pelos bailarinos Patrícia Niedermeier, Oscar Saraiva e Marcia Rubin, capazes de expressar o movimento e a tensão do texto de Ana C. em suas experimentações.

A proposta do documentário foi discutida por Pablo Villaça, crítico de cinema e professor do curso de Teoria, Linguagem e Crítica Cinematográfica, no site Cinema em Cena:

(...) a beleza do longa de Leticia Simões não reside apenas em seu claro amor pela poeta, mas também em sua fascinação pela palavra escrita – algo tão raro nos dias de hoje. Assim, ao trazer um depoimento de Ana sobre um poema que escreveu ao extrair palavras de um texto de Drummond, a jovem diretora estabelece um jogo poético inteligente com seu próprio filme, que

³ O próprio autor, Chacal, resgata em sua memória e recita o poema em sua entrevista no documentário *Bruta Aventura em Versos*.

frequentemente inclui grafismos que ressaltam, em textos na tela, passagens específicas dos versos lidos pelos entrevistados. Além disso, os diversos planos-detalhes que enfocam poemas impressos acabam expondo a profunda beleza que reside na simples presença de palavras num papel, o que não deixa de ser encantador como estratégia visual. (disponível em: <http://www.cinemaemcena.com.br/plus/index.php>, acessado 02/05/2013)

O projeto fez uso de novas tecnologias, recursos de vídeo arte e releituras sem perder a medida, com intuito claro de reunir personalidades, contextos históricos e produções inspiradas na obra de Ana C, transmitindo a atmosfera inspiradora que envolve todas as personagens. Promovendo ainda uma leitura livre de cerceamentos políticos, com destaque aos autores que tiveram papéis importantes durante a ditadura militar e que na época não tiveram seus trabalhos reconhecidos, devido à estilística e posicionamento político. O projeto tornou possível a identificação do comprometimento da linguagem de Ana Cristina Cesar com o questionamento das construções culturais, com um posicionamento político contra a repressão e contra modelos pré-estabelecidos sobre o que era ser poeta e mulher no Brasil na década de 70 e início de 80.

2. Ana Cristina Cesar: trajetória de uma criadora incansável

*A história está completa: wide sargasso sea, azul
azul que não me espanta, e canta como uma
sereia de papel.*
Ana Cristina Cesar

Ana Cristina Cesar, poeta, nascida em 2 de junho de 1952, no Rio de Janeiro, segundo os relatos de seus pais, já ditava poemas desde os 4 anos de idade e aos 7 teve seus poemas publicados no Suplemento Literário do jornal Tribuna da Imprensa. Na escola primária e secundária fundou e dirigiu o Jornal Juventude Infantil e na adolescência participou do periódico mensal mimeografado Comunidade da Igreja Presbiteriana. Em 1967, ingressou no curso clássico do Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia, atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ana C. participou de movimentos estudantis, caminhou com a “Passeata dos Cem Mil” em 1968, manifestação em repúdio a morte do estudante Edson Luís Lima Souto de 18 anos, que foi baleado pela polícia em 28 de março de 1968, no restaurante Calabouço, local onde estudantes se manifestavam contra a elevação dos preços das refeições. A passeata iniciou com a participação de 50 mil pessoas e ao longo de

três horas chegou a 100 mil participantes, percorrendo as ruas do centro do Rio de Janeiro, com um grande discurso do estudante Vladimir Palmeira, um dos líderes do Movimento Estudantil, em frente a Igreja da Candelária e terminou em frente à Assembleia Legislativa. Nos meses seguintes a este evento, iniciou-se a ditadura mais violenta e qualquer tipo de manifestação foi proibida.

Em 1969, Ana C. seguiu para Londres onde estudou na Richmond School for Girls. Em 1970 retornou ao Rio de Janeiro e concluiu o curso clássico no Colégio de Aplicação. Estudou Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) até 1975. Ela fez mestrado na Escola de Comunicação da UFRJ, estudando o cinema documentário brasileiro, e nesse período, conheceu Maria Cecília Londres Fonseca, professora de Teoria Literária na época, na PUC-RJ, mestre em Teoria da Literatura pela UFRJ e doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB), e Clara Alvim, irmã de Francisco Alvim, professora de Literatura Brasileira na PUC-RJ, se tornaram amigas e correspondentes.

Continuou seus estudos na Inglaterra, onde obteve o título de Master of Arts em teoria e prática de tradução literária na Universidade de Essex. Participou geracionalmente da Poesia Marginal, conhecida também como Geração Mimeógrafo, imprimindo seus trabalhos de maneira artesanal como atitude alternativa ao sistema editorial convencional. Conviveu com escritores como Cacaso, Chacal, Charles, entre outros. Essa influência da geração marginal resultou em um lirismo espontâneo, próprio do momento presente e imediato, mesmo que seu trabalho ainda mantivesse um forte viés e acabamento acadêmico.

Em 1976 as poesias de Ana C. foram publicadas na antologia 26 poetas hoje, lançada no Rio de Janeiro, uma iniciativa da antropóloga Heloisa Buarque de Hollanda, importante marco na Poesia Marginal com a proposta de destacar um recorte instantâneo da poesia dos anos 70. Em entrevista para Letícia Simões, Armando Freitas Filho destaca como 26 Poetas Hoje foi uma aposta alta em autores que quase ninguém tinha ouvido falar e que hoje compõem um cenário importante da literatura, fazendo parte inclusive do conteúdo exigido por muitos vestibulares.

É nessa publicação que a obra de Ana Cristina Cesar ganhou visibilidade, além de assegurar sua identificação com a chamada Geração Mimeógrafo. A poeta representou, junto ao grupo escolhido da cena carioca, a postura estética, cultural e política da época. É no contexto dessa publicação que a proposta marginal e seu embate com a tradição clássica ganha espaço na discussão sobre uma nova poesia, com temas pessoais, independentes,

experimentais e bem humorados, não deixando de compor uma frente literária diferente, subversiva e polêmica.

Seu ensaio sobre literatura e cinema, *Literatura não é documento*, foi publicado em 1980. Suas publicações, até então em edições independentes, *Cenas de Abril* (1979), *Correspondência Completa* (1979) e *Luvas de Pelica* (1980), foram reunidas e publicadas, junto com outros poemas, pela Editora Brasiliense sob o título *A teus pés*, em 1982. Ana C. foi também tradutora da obra de Emily Dickinson e de Sylvia Plath; foi professora e escreveu textos jornalísticos com temas relacionados à literatura em diversos veículos, como a revista semanária *Opinião* e o *Jornal do Brasil*.

2.1. Perceber o “invislumbrável”: mulher, poeta e marginal

*Querido diário:
Vergonha ricocheteia.
Ana Cristina Cesar*

Ana Cristina Cesar morreu jovem demais, com 31 anos, em 29 de outubro de 1983. Armando Freitas Filho a pedido expresso de Ana C. ficou responsável pelo seu acervo literário, organizou e/ou colaborou com praticamente todas as suas publicações. Postumamente, foram publicados os seguintes livros: *Escritos na Inglaterra* (1988) com ensaios sobre tradução, *Escritos no Rio* (1993) com artigos jornalísticos, *Inéditos e dispersos* (1998), *Crítica e tradução* (1999), *Correspondência Incompleta* (1999), organizado por Armando Freitas Filho e Heloisa Buarque de Hollanda, e ainda um *Caderno de Desenhos Portsmouth-Colchester* em 1999. Grande parte de sua obra que não havia sido publicada foi organizada e reunida no livro *Antigos e soltos: poemas e prosas da pasta rosa* (2008) por Viviana Bosi, ensaísta e tradutora, professora de Teoria Literária na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

Em sua trajetória, Ana C. oscilou entre a academia e o movimento marginal, construindo uma escrita reconhecidamente diferente daquela de seus colegas de geração. A obra da autora possui uma conexão complexa e comprometida com a reflexão literária, discutindo constantemente consigo mesma, com seus amigos e professores sobre o ato de escrever, suas infinitas formas, questionamentos e conteúdos. Suas anotações, publicadas em livros como *Antigos e soltos: poemas e prosas da pasta rosa*, organizado pela ensaísta Viviana

Bosi, mostram como seu texto era reescrito diversas vezes, sendo rabiscado e quase sempre tendo palavras substituídas ou subtraídas, na busca da composição concisa e exata de seus anseios. Ao mesmo tempo, viveu a Geração Mimeógrafo e compartilhou seus ideais, com ousadia, tendo como base um vocabulário propositalmente casual, em que combinava suas intenções de provocação e engano, despistando verdades, abusando da ironia e de composições diretas e desconcertantes. Em suas poesias é possível notar a contradição frente a esses universos da escrita, o acadêmico, profissional e o marginal:

O tempo fecha.
 Sou fiel aos acontecimentos biográficos.
 Mais do que fiel, oh, tão presa! Esses mosquitos
 que não largam! O que faço aqui no campo
 declamando aos metros versos longos e sentidos?
 Ah que estou tão sentida e portuguesa, e agora não
 sou mais, veja, não sou mais severa e ríspida:
 agora sou profissional.
 (CESAR, 1984: p. 09)

A lei do Grupo
 Todos os meus amigos
 estão fazendo poemas-bobagens
 ou poemas-minuto
 (CESAR, 2006: p. 266)

Em relato para o documentário *Bruta Aventura em Versos*, sobre como foi feito o livro *Correspondência Completa em 1979*, Heloisa Buarque de Hollanda deixa claro como era um grande prazer para a Ana Cristina Cesar brincar com as possibilidades de uma publicação alternativa, sem regras de editoração e de conteúdo. Na edição de uma única carta, com inúmeras páginas xerocadas, em um texto corriqueiro e cheio de artimanhas, com lançamento de segunda edição, com capa, formato e produção totalmente independentes, a poeta aventurava-se na marginalidade, assim como nas publicações independentes de *Cenas de Abril* (1979) e *Luvras de Pelica* (1980).

A subjetividade dos processos criativos na construção do *Bruta Aventura em Versos* procura compreender a figura polêmica, ambígua, misteriosa, sagaz e multifacetada de Ana Cristina Cesar, que mesmo com uma vida extremamente breve, deixou uma obra extensa e complexa e, até hoje muito estudada em diferentes aspectos. Mesmo com uma biografia intrigante, seu estilo literário certamente é o campo mais amplo, a forma como estabelece um diálogo com seu leitor, falando de temas tão universais e particulares ao mesmo tempo, causa forte identificação. Os depoimentos do longa combinados com trechos da poesia de Ana C.

Fragmento 6

aventura
bruta
(em versos)

(CESAR, 2008: p.135-139)

Os formatos de sua poesia, em fragmentos de anotações ou em cartas, permitem ao leitor a participação da composição como uma personagem. Na geração deste jogo de engano, o leitor parece fazer parte da história, como amigo/a ou pessoa próxima. Valendo-se do pressuposto de que esse interlocutor conhece a história íntima e cotidiana, cria-se uma esfera de proximidade e cumplicidade, e ao mesmo tempo, de mistério. Esse leitor, fisgado pelo engano da intimidade, na verdade nunca poderá compreender todas as facetas da história e de suas intenções. Estabelecendo uma leitura íntima e intrigante que se comunica com as angústias e anseios mais pessoais, a autora reforça uma leitura também enigmática, que nunca será completamente desvendada:

A subjetividade, o íntimo, o que a gente chama de subjetivo não se coloca na literatura. É como se eu estivesse brincando, jogando com essa tensão, com essa barreira. Eu queria jogar minha intimidade, mas ela foge eternamente. Ela tem um ponto de fuga. Aí você tem razão, ela escapa.
(CESAR, 1994: p. 195)

Na transcrição da participação de Ana Cristina Cesar no curso “Literatura de Mulheres no Brasil”, ministrado em 1983 por Beatriz Rezende, professora de Poética do Departamento de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ, pode-se observar seu constante questionamento sobre seu processo criativo, sobre o que é literatura, o que é poesia, para quem e como se escreve, e por que escrever em formato de correspondência, diário e fragmento:

A literatura é muito pensada. O que é a literatura, o que é poesia, o que não é? O que é isso de literatura? Que texto maluco é esse, que conta e, ao mesmo tempo, não conta, que tem um assunto e, na verdade, não tem um assunto e é diferente do nosso discurso usual, que é diferente da correspondência, que é diferente do diário? Mesmo que eu pegue um diário, como tentei fazer, mesmo que eu pegue um diário e coloque ali como literatura, mesmo assim continua a haver uma história que não pode ser contada. É um tormento e, de repente, é engraçado também. Você não pode contar... (CESAR, 1994: p. 198)

O longa-metragem *Bruta Aventura em Versos* mostra também como Ana Cristina Cesar faz constantemente referências diretas e indiretas aos autores que gosta, de modo descompromissado e lisonjeiro, jogando e roubando trechos de outros escritores, como códigos secretos para serem decifrados, misturados aos seus textos. Em suas entrevistas dava algumas pistas sobre esses deslocamentos. Em seu livro *A teus pés* declarou suas referências no Índice Onomástico, citando autores como Walt Whitman, Francisco Alvim, Manuel Bandeira, Elizabeth Bishop, Cecilia Meireles, Emily Dickinson, entre tantos outros. Pode-se desvendar um desses deslocamentos na conversa de Ana C. com o público do curso *Literatura de Mulheres no Brasil*, transcrita em *Escritos no Rio*:

(...) Vocês já ouviram falar no Walt Whitman? Olha, isso é meio uma chave. Vou dar uma chave. O índice onomástico é cheio de chaves. (...) Vou abrir um segredo. Tem um WW aí, na página 111 é Walt Whitman. É uma referência, assim como no texto vai ter uma série de referências a autores e a textos que eu gosto. (...) E o Walt Whitman escreveu um poema maravilhoso, “Leaves of Grass”. Foi traduzido em português como “Folhas de Relva” ou “Folhas da Relva”. E termina dizendo – eu fiz uma tradução adaptada —, termina dizendo assim: “Amor, isto não é um livro, sou eu, sou eu que você segura e sou eu que te seguro (é de noite? Estivemos juntos e sozinhos?), caio das páginas nos teus braços, teus dedos me entorpecem, teu hálito, teu pulso, mergulho dos pés à cabeça”. (CESAR, 1994: p. 200)

Nos anos de 1970, “ser mulher em seu tempo” é um tema importante na escrita cotidiana de Ana Cristina Cesar. Este tema surge na forma diluída de sua poética e ao mesmo tempo, de maneira concentrada na abordagem das questões sobre sexualidade, diversidade e indefinição de gênero. Ana C. cresceu no apogeu da ditadura, viveu o início dos movimentos e estudos feministas, seus textos são carregados de engajamento, na busca por uma mulher consciente de seu corpo, com voz ativa em uma escrita literária que está em constante autocrítica. Em entrevista sobre a forma da escrita com características femininas, afirma:

(...) Então, o primeiro tipo de produção de escrita que a gente tem – e isso quando a gente pensa um pouco em escrita de mulher... Mulher, na história, começa a escrever por aí, dentro do âmbito particular, do familiar, do estritamente íntimo. Mulher não vai logo escrever para o jornal. Historicamente, séculos passados, quando a mulher começa a escrever numa esfera muito familiar. E a gente começava a escrever também numa esfera muito familiar. (CESAR, 1994: p. 192)

No *Bruta Aventura em Versos* os aspectos feministas e de desconstrução do gênero na poesia de Ana C. se apresentam na fala da antropóloga Heloisa Buarque de Hollanda, que

apresenta com propriedade alguns dos questionamentos enfrentados na busca da poeta por sua identidade. No entanto, os outros depoimentos, os fragmentos de versos e o contexto histórico como pano de fundo do longa também contribuem para a compreensão dessa esfera de desconforto persistente no papel da poeta como mulher, o estranhamento e a inconformidade são constantes e evidentes.

O pesquisador Carlos Eduardo Siqueira Ferreira de Souza, em sua dissertação sobre A lírica fragmentária de Ana Cristina Cesar: autobiografismo e montagem, defende que Ana C. aborda não apenas o tema da sexualidade, como também a questão da construção de gênero e de identidade (ou de sua dissolução), em uma proposta ousada que articula a indefinição do autor e da identidade. Apresentando como exemplo o poema Instruções de bordo o autor explicita como “o sujeito lírico busca o entendimento sobre sua identidade confusa e multifacetada, extrapolando o questionamento acerca da sexualidade” (SOUZA. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7846, acessado em 10/04/2013):

Instruções de Bordo
(para você, A.C., temerosa, rosa, azul-celeste)

Pirataria em pleno ar.
A faca nas costelas da aeromoça.
Flocos despencando pelos cantos dos
lábios e casquinhas que suguei atrás
da porta.
Ser a greta,
o garbo,
a eterna liu-chiang dos postais vermelhos.
Latejar os túneis lua azul celestial azul.
Degolar, atemorizar, apertar
o cinto, o senso, a mancha
roxa na coxa: calores lunares,
copas de xampã, charutos úmidos de
licores chineses nas alturas.
Metálico torpor na barriga
da baleia.
Da cabine o profeta feio,
de bandeja.
Três misses sapatinho fino alto esmalte nau
dos insensatos supervôos
rasantes ao luar
despetaladamente
pelada
pedalar sem cócegas sem súcubus
incomparável poltrona reclinável

(CESAR, 1984: p. 64)

Para o Souza (2008), Ana Cristina Cesar joga com os papéis de autor e de leitor:

o eu lírico coloca em xeque não só o questionamento acerca de sua própria sexualidade – e a do outro, a da sociedade, o estereótipo da sexualidade —, mas também a reverberação desse problema em uma dimensão muito maior: a da (in)definição do sujeito. (SOUZA, 2008: p.40 Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7846, acessado em 10/04/2013.)

Além disso, Souza (2008) sugere que no poema Samba-canção, exposto abaixo, Ana C. utiliza “marcas de atitudes ao mesmo tempo transgressoras e ambíguas”:

Samba-canção

Tantos poemas que perdi.
Tantos que ouvi, de graça,
pelo telefone – taí,
eu fiz tudo pra você gostar,
fui mulher vulgar,
meia-bruxa, meia-fera,
risinho modernista
arranhando na garganta,
malandra, bicha,
bem viada, vândala,
talvez maquiavélica,
e um dia emburrei-me,
vali-me de medidas
(era comércio, avara,
embora um pouco burra,
porque inteligente me punha
logo rubra, ou ao contrário, cara
pálida que desconhece
o próprio cor-de-rosa,
e tantas fiz, talvez
querendo a glória, a outra
cena à luz de spots,
talvez apenas teu carinho,
mas tantas, tantas fiz...
(CESAR, 1984: p.43)

O autor sugere que, ao usar uma postura homossexual masculina, Ana C. descarta “categorias impostas pela língua, tais como heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, feminilidade, virilidade. Os índices são confusos: uma mulher viada, que desconhece / o próprio cor-de-rosa”. Segundo Souza (2008):

Afirmar a ignorância de sua condição feminina revela, certamente, o predomínio de uma postura crítica e libertadora frente ao assunto sobre uma atitude assertiva ou mesmo engajada em relação a uma orientação sexual. (disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7846, acessado em 10/04/2013.)

Souza (2008) afirma que no jogo criado na linguagem, a autora coloca-se em crise sobre a identidade do sujeito:

a mulher consciente de suas imagens, de suas personagens, mas que não sabe o que é; a autora consciente de que sua enunciação é o resultado de um amálgama de outras vozes, masculinas e femininas, mas que busca sua singularidade. (disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7846, acessado em 10/04/2013.)

O marco teórico e conceitual no contexto histórico e literário em que Ana Cristina Cesar se encontrava, é determinado pelos concentrados estudos feministas da década de 1970 que a influenciaram e possibilitaram uma análise crítica das condições e obstáculos enfrentados pela mulher nesse período. As questões da subjetividade e da diferença ganham outra proporção, apresentando uma evidência consideravelmente maior que pode explicar e contextualizar a presença marcante da construção e desconstrução de gênero na poesia de Ana Cristina Cesar. Segundo Hollanda (1994):

No plano acadêmico, filósofos franceses pós-estruturalistas como Foucault, Deleuze, Barthes, Derrida e Kristeva intensificam a discussão sobre a crise e o descentramento da noção do sujeito, introduzindo, como temas centrais do debate acadêmico, as ideias de marginalidade, alteridade e diferença. (...) O que distingue e distancia, de forma definitiva, as teorias feministas do pensamento pós-estruturalista é o compromisso feminista com a articulação da crítica da hegemonia do idêntico e da legitimidade dos sentidos absolutos e universais com os processos históricos de construção e representação da categoria “mulher”. O pensamento feminista de ponta é marcado pela exigência de uma abordagem teórica e metodológica em que a questão da mulher, como todas as questões de sentido, seja, de forma sistemática, particularizada, especificada e localizada historicamente, opondo-se a toda e qualquer perspectiva essencialista ou ontológica (disponível em: <http://www.issuu.com/heloisabuarquedehollanda/docs/tendenciaseimpasses>, acessado em 26/04/2013.)

No artigo O enigma da igualdade, de Joan W. Scott, uma das mais importantes teóricas sobre o uso da categoria gênero na história, pode-se verificar apontamentos importantes a serem considerados nos estudos da subjetividade, da diferença e das relações de gênero. Neste artigo é exposta a forma pela qual a conceituação do indivíduo é perpassada por mecanismos de exclusão e conceitos essencialistas, o que determina, historicamente, a compreensão do indivíduo atrelada a características biológicas, numa classificação considerada natural. Segundo a autora:

O problema tem sido que o “indivíduo”, apesar de todas as suas possibilidades de inclusão, tem sido concebido em termos singulares e sido representado tipicamente como homem branco. Para qualificar-se como indivíduo, uma pessoa tem de demonstrar alguma semelhança com essa figura singular. (A história dos direitos civis e dos direitos das mulheres envolveu o argumento sobre o que essa semelhança significaria.) A dificuldade aqui tem sido a de que a abstração do conceito de indivíduo mascara a particularidade da sua figuração. Somente aqueles que não se assemelham ao indivíduo normativo têm sido considerados diferentes. A dimensão relacional da diferença – seu estabelecimento em contraste com a norma – também tem sido mascarada. A diferença tem sido representada como um traço fundamental ou natural de um grupo enquanto a norma padronizada (o indivíduo homem branco) não é considerada como possuidora de traços coletivos. (SCOTT, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a02v13n1.pdf>, acessado em 12/04/2013.)

Expondo um olhar crítico sobre a diferenciação “natural”, o trecho abaixo, de H. B. Hollanda permite entender como o início desses estudos contribuiu para a subversão do próprio conceito de construção do indivíduo, o que certamente possibilitou e abriu espaços para o impactante questionamento de gênero, também encontrado nos textos de Ana C.:

Nas décadas de 60 e 70, as questões da identidade e diferença foram inegavelmente importantes, tendo conseguido abrir espaços e canais de expressão institucionais como a imprensa feminista, o cinema de mulher e os estudos feministas enquanto área de conhecimento. Neste quadro, a introdução da categoria gênero representou o aprofundamento e a expansão das teorias críticas feministas. Os estudos das relações de gênero, agora substituindo a noção de identidade, passa a privilegiar o exame dos processos de construção destas relações e das formas como o poder as articulam em momentos datados social e historicamente, variando dentro e através do tempo e inviabilizando o tratamento da diferença sexual como “natural”. (HOLLANDA, 1994. Disponível em: <http://www.issuu.com/heloisabuarquedehollanda/docs/tendenciaseimpasses>, acessado em 26/04/2013.)

A trajetória do feminismo nos últimos anos e as possibilidades das quebras de paradigmas na construção de gênero foram abordadas pelo teórico francês Gilles Lipovetsky⁴ na obra *A terceira mulher: permanência e revolução do feminismo*. Nesta publicação, o autor apresenta a indeterminação dos gêneros como um caminho da ampliação das possibilidades de escolha e da atuação social, o que ainda não significa o fim dos diferentes papéis sociais pré-determinados. Segundo o autor:

Não é a semelhança dos papéis sexuais que vence, mas o não dirigismo dos modelos sociais e, correlativamente, o poder de autodeterminação e de indeterminação subjetiva dos dois gêneros. A liberdade de nos orientarmos a nós próprios aplica-se doravante sem distinção aos dois gêneros, mas ela é sempre construída em situação, a partir de normas e de papéis sociais diferenciados, que nada indica estarem votados a um futuro desaparecimento. (LIPOVETSKY, 1997: p.235)

Essas questões sobre a construção e desconstrução de gênero na poesia de Ana Cristina Cesar aparecem, de maneira sutil, mas ao mesmo tempo clara. As entrevistas com autores e artistas da atualidade evidenciam como essas discussões estão presentes no universo subjetivo de suas criações. As obras inspiradas pela poeta indicam que os leitores-autores, experimentam através da provocação de Ana C. o questionamento de papéis sociais, históricos e pessoais, encarando o conflito da quebra de padrões tanto em suas trajetórias, como na compreensão da obra da poeta.

3. A Geração Mimeógrafo e a Poesia Marginal

30 de agosto

*Hoje roí cinco unhas até o sabugo e encontrei no cinema, vendo Charles Chaplin e rindo às gargalhadas, de chinelos de couro, um menino claro.
Usei a toalha alheia e fui ao ginecologista*

Ana Cristina

O contexto dos anos vividos por Ana Cristina Cesar perpassa o movimento da poesia marginal nos idos de 1970 e início dos anos 80. Final da década marcada pelo Ato

⁴ Livro do pensador francês Gilles Lipovetsky, *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*, que aborda a trajetória da mulher e das questões de gênero nos 50 últimos anos.

Institucional número 5, de 13 de dezembro de 1968. Este período mais duro da ditadura militar foi caracterizado pela proibição de atos públicos, direitos políticos cassados, prisões por suspeita ou desconfiança de ação subversiva, instâncias políticas fechadas, censura a corte profundo de livros, peças de teatro, programas de televisão, jornais, etc. A imprensa tentava encontrar maneiras indiretas e sutis de manifestar opinião, mas sob a menor suspeita era cerceada. Muitos artistas buscavam uma linguagem metafórica e alusiva para continuar se expressando de alguma maneira. Muitos artistas, poetas e jornalistas foram exilados, grupos resistentes aderiram às formas radicais de luta, como guerrilha urbana ou rural, contra os militares.

No início da década de 1970 o governo Médici promoveu, massivamente, o nacionalismo, por meio de uma grande campanha nacional travestida de amor à pátria. A economia interna crescia e, em contrapartida, a dívida externa aumentava exacerbadamente. A classe média possuía um elevado poder de consumo e enganava-se com a falsa prosperidade econômica. O eletrodoméstico mais consumido passou a ser a televisão, o que transformou significativamente a comunicação e a cultura de massa no Brasil. A cultura passou a ser pensada e produzida como cultura de mercado. Com a crise do petróleo em 1973, a inflação subiu vertiginosamente e a classe média endividada descobriu uma grande sensação de vazio, de falta de sonho e de utopias.

No governo do General Ernesto Geisel (1975), iniciou-se a lenta abertura do país. Três anos mais tarde, o AI-5 foi extinto e em 1979 a Lei da Anistia permitiu que os brasileiros exilados voltassem ao país. Foi iniciada uma ampla campanha (1983), pelas eleições diretas para Presidente. No ano seguinte foram restabelecidas as eleições para presidente. No ano de 1985, com o fim da ditadura militar, Tancredo Neves foi eleito.

Nesse período o espaço acadêmico também sofreu sérias intervenções da ditadura militar. Interessada em uma Reforma Universitária, a ditadura, influenciada por tendências europeias e em um elitismo colonizado tecnocratizou a academia, focando a especialização e a competência técnica. A burocracia na Universidade passou a supervisionar as associações estudantis e, as manifestações críticas foram perseguidas.

Foi nesse contexto de falta de espaço nas editoras tradicionais e na academia, que poetas como Ana Cristina Cesar, Cacaso, Francisco Alvim, Torquato Neto, Chacal, entre outros, passaram a divulgar seus poemas em cópias mimeografadas, recebendo a denominação de “Geração Mimeógrafo”. Segundo Heloisa Buarque de Hollanda (2011, p.32),

“Desde 1968, a gente era mais ou menos um grupo coeso e começamos a nos interessar juntos pela poesia marginal, como uma forma de resistência ao golpe de 1964”. Essa geração, descrente em relação à linguagem intelectualizada que era considerada a manifestação das “formas sérias do conhecimento por excelência” da academia, passa a criar sua maneira própria de expressão marcada pelo compromisso com a espontaneidade da linguagem e o improvisado.

O circuito da poesia marginal, considerado uma possibilidade alternativa para a cultura nos anos 70, foge da chancela oficial do Estado e das empresas privadas, permitindo a propagação de publicações com características artesanais. Estas publicações valorizam a experiência dos grupos organizados em saraus e a produção de livros mimeografados, vendidos nas portas dos cinemas, museus e teatros.

A poesia marginal teve como principais características: a marca da experiência imediata da vida dos poetas, o registro do cotidiano sem muitos acabamentos e a linguagem irônica e ambígua. Essa linguagem informal, leve, engraçada e direta aproximou os leitores dos poetas marginais, quebrando uma hierarquia elitista e academicista tradicional no mercado editorial, o que conquistou um número muito maior de público, sobretudo de jovens. Com uma linguagem subversiva, abandonou e zombou dos padrões da literatura clássica. Voltando-se estrategicamente para o modernismo de 22, incorporando uma poética coloquial, resgatando o poema-piada e a liberdade crítica independente de programas políticos.

A concentração e valorização do momento presente era uma forte característica, rompendo com a ideia de esperança no futuro, característica do otimismo burguês e capitalista. O momento político é obscuro e pessimista para qualquer artista que queira expressar e criar opinião autônoma. Os poetas marginais encaram esse pessimismo com os recursos que ainda eram possíveis naquele momento, como a poesia não chamava a atenção da censura se tornou um meio de expressão latente e representativo do período.

4. Bruta Aventura em Versos: o alcance de Ana Cristina na atualidade

a melhor análise/interpretação em imagens sobre a Ana que conheço
(Entrevista de Heloisa Buarque de Hollanda concedida a autora em 31/03/13)

O documentário *Bruta Aventura em Versos* com sua linguagem poética e experimental procura alcançar e difundir uma poesia singular, complexa e crítica de uma autora ainda muito pouco lida. Mostrando em sua experiência a importância na abordagem de temas pertinentes à construção da identidade de gênero, aos mecanismos de acesso à produção literária, às possibilidades de criação poética como meio de expressão, de vida e de trabalho. A participação, acesso e apropriação dessas discussões ainda são grandes desafios, que podem ser compreendidos no campo cultural. Segundo Heloisa Buarque de Hollanda:

leituras e releituras de poesia são em si práticas também poéticas e interessantes. Ana Cristina tornou-se à lá Silvia Plath uma poeta cult e quase um símbolo geracional. Leituras dessa poesia atualizam e traduzem em momentos diferentes os diferente ethos das gerações posteriores. (Entrevista concedida a autora em 31/03/13)

O documentário capta esse símbolo geracional representado por Ana C. conduzindo o espectador na busca por sua obra e pela compreensão da complexa relação entre os processos subjetivos de criação e as construções culturais, contextos históricos e sociais. Tornando evidente como a tensão entre os diferentes mecanismos de regulação de uma sociedade possibilitam ou sufocam uma determinada manifestação artística, literária e cultural. Para Letícia Simões, em depoimento para o site Prosa⁵:

A poesia da Ana tem uma coisa do que cabe e não cabe na literatura que é muito nova. Ela tem uma poesia que é falsamente simples. Da primeira vez que você lê, parece tudo muito simples. Ela não tem aquela métrica e aquelas palavras rebuscadas. Mas, à medida que você vai na entrelinha, lendo e relendo, você vê que aquilo tem uma força, uma urgência e até uma certa violência na forma com que ela vai te esquadrinhando. A Ana fala diretamente com o leitor, algo que não acontecia na poesia. Ela abre um campo de possibilidades que está aí até hoje, tamanha a quantidade de mulheres que se inspiram nela. Ana ofereceu ao mundo a possibilidade de fazer uma nova poesia. (SIMÕES, 2012)

A subjetividade do processo criativo do *Bruta Aventura em Versos* marcada pela marginalidade, não só em seu conteúdo, mas também nos meios de produção que o tornaram possível, com uma equipe reduzida e movida praticamente pelo amor à poesia, pelo apoio indireto por meio de outros trabalhos dos envolvidos e de empréstimos de equipamentos e tecnologia mínimos para garantir um bom resultado. Letícia Simões conta que acredita nessa

⁵ Resenha do site Prosa disponível no Anexo 3.

forma de concepção independente, acredita ainda que muitos projetos só poderão se concretizar dessa maneira, pois não são possíveis numa estrutura engessada, além de não existir um interesse comercial e a predominância de um forte *lobby* no circuito cinematográfico e cultural. Em sua entrevista conta como ainda se interessa por uma produção em cinema alternativa aos meios comerciais:

Estou interessada nas amplas possibilidades de construção de sentido a partir da realidade, nas possibilidades narrativas através da apreensão fílmica desta realidade, e não em lucro ou um dito sucesso comercial. Não me interessa falar com 90 milhões de pessoas (uma novela ou minissérie) ou 1 milhão de espectadores (um filme da Globo Filmes, por exemplo). O cinema que me interessa ver, discutir, pensar e, por fim, fazer, interessa a um público de festival, de mostra, a um público apaixonado por cinema, por literatura, por arte, enfim, a um público que tenha interesse em determinados códigos. Não me interessam os números, pura e simplesmente - me interessa o diálogo. (Entrevista de Letícia Simões à autora em 26/02/2013)

No relato de suas experiências Letícia compara o processo criativo independente do *Bruta Aventura em Versos* com o de seu próximo projeto, esse aprovado num edital de baixo orçamento, sobre o escritor carioca Rodrigo de Souza Leão, as dificuldades persistem e a realização possivelmente iniciará sem a entrada dos recursos previstos, que estão atrasados a quase um ano. Hoje com mais experiência e trabalhos concluídos, analisa criticamente os sérios problemas da falta de investimento e comprometimento nas políticas públicas de Cultura, os atrasos são comuns e inúmeros projetos são indefinidamente adiados:

eu vejo pessoas adiando a feitura de projetos para que eles possam ser financiados e feitos de forma possível e agradável economicamente - mas muitos ficam apenas no status de 'projetos', aquele bando de documentos que serve apenas para inscrever em editais. Qual a resposta certa? Não sei. Posso te dizer: sem dinheiro nenhum, em dois anos, fiz um documentário longa-metragem. De 2012 para cá, na área das artes visuais, fiz um videoclip, uma videoarte e agora estou terminando um curta-metragem. Sem dinheiro nenhum. (...) Mais uma vez, eu só vou conseguir agir dessa maneira porque tenho redes de segurança: fui contratada pelo Yahoo para produzir 13 curtas-metragens sobre São Paulo, vou dirigir um programa de televisão para o Canal Brasil, montei o primeiro longa-metragem do grupo teatral Satyros, aqui em São Paulo... Mas continuo não recebendo por fazer um trabalho autoral. Isso é preocupante. (Entrevista de Letícia Simões à autora em 26/05/2013)

Considerando que todas essas dificuldades passam ainda pela resistência em acolher uma jovem poeta, cineasta e mulher que propõe projetos autorais de cunho nada comercial, num cenário predominantemente masculino, com forte influência de lobbys

econômicos e dos tradicionais sobrenomes do cinema, a discussão sobre as políticas públicas e sua abrangência, assim como o modo de participação, avaliação e seleção nos editais de fomento se faz extremamente atual e pertinente. A mulher tem mesmo espaço na produção de cinema, Letícia Simões considera:

Sim. Agora: qual o tamanho desse espaço? Certamente é menor em relação aos homens. Basta olhar a lista dos selecionados em festivais, dos contemplados em editais. Há menos mulheres produzindo cinema? Ou há menos possibilidade de produção para essas mulheres? Por quê? Não consigo acreditar que existam mais homens capacitados nem uma maior quantidade de homens interessados em produzir cinema. A grande parte das mulheres trabalha no setor de produção - novamente, por quê? Por que há mais diretores (função: autoral) x mulheres produtoras (função: administrativa)? São dúvidas, muitas dúvidas. (Entrevista de Letícia Simões à autora em 26/05/2013)

Em sua participação no longa-metragem *Bruta Aventura em Versos* e em suas publicações, Heloisa Buarque de Hollanda aponta a importância desses questionamentos para a compreensão das construções culturais que ainda determinam e delimitam a participação das mulheres em diferentes meios. Na poesia, por exemplo, por que a mulher pode falar de alguns assuntos e de outros não, que estéticas são valorizadas ou reprimidas. Nos mecanismos públicos e privados de incentivo às produções culturais, que espaços são abertos e livres de preconceitos, existe mesmo espaço para propostas destoantes do discurso predominantemente masculino e comercial.

(...) Talvez se situe um pouco a questão da mulher: depois e por conta do *Bruta*, eu saí da Matizar e abri a minha própria produtora. Marco reuniões, cavo editais, busco conexões. Escrevo projetos, bato na porta - enfim, um comportamento mais solitário, digamos assim. As parcerias que faço estão cada vez mais permeadas por uma congregação artística e de visões de mundo do que possibilidades e oportunidades. E isso, infelizmente, é também um mecanismo de defesa (e nisso está a questão do gênero): sinto que, ainda hoje, e estamos falando de julho de dois mil e treze, o mercado cinematográfico ainda é masculino e dominado por sobrenomes tradicionais. Em outras palavras: ainda é a estrutura de poder tradicional (em primeiro lugar) e econômico (em segundo) que dita as regras do cinema, essa "sétima arte". A minha maneira de não mais me imiscuir ou, sendo mais verdadeira, de correr à margem dessa estrutura, é tornando-me solitária e menor. (Entrevista de Letícia Simões à autora em 26/05/2013)

Essas dificuldades fazem parte da trajetória histórica do investimento em Cultura no Brasil, passando por políticas autoritárias de apropriação das ações culturais como meio de

manipulação ideológica, à ausência total de interferência, entregando o investimento cultural de recursos públicos aos interesses do mercado. Atualmente, mesmo com avanços na descentralização e aumento significativo de investimento, a atuação do Estado ainda apresenta dificuldades em atuar efetivamente como financiador de ações culturais e como proponente de políticas públicas abrangentes, um exemplo claro, é a resistência na mudança radical da lógica das leis de incentivo fiscal. Segundo Antonio Albino Canelas Rubim, professor titular Faculdade de Comunicação e do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PÓS-CULTURA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA):

As leis de incentivo, ao ganharem tanto protagonismo, parecem esgotar o tema das políticas de financiamento da cultura, quando não das próprias políticas culturais. Elas agridem a democracia, ao introduzir uma enorme distorção no poder de decisão do estado e do mercado no uso das verbas públicas. Apesar dos avanços inegáveis, com a instituição de uma política de editais para a cultura no ministério (Fundo Nacional de Cultura) e nas empresas estatais (A Petrobrás é o maior exemplo), o tema ainda demanda um grande esforço para superar a lógica neoliberal que entronizou o mercado como o poder de decisão acerca da cultura brasileira. A revisão ainda não aplicada das leis de incentivo demonstra os limites da atuação neste campo. Mais que isto, a ausência de uma política de financiamento da cultura em plenitude corrói muitas das iniciativas do ministério, inclusive aquela primordial de fazer o Estado assumir um papel mais ativo na cultura. (RUBIM, 2007. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/AlbinoRubim.pdf>, acessado em 26/04/2013.)

Com esses apontamentos reflete-se até que ponto o espaço para produções diversas, críticas e questionadoras só é possível ainda na marginalidade. Os mecanismos de financiamento em boa medida ainda são viciados e manipulados por interesses privados, longe de uma política pública efetivamente comprometida com a diversidade, com a manifestação dos diferentes grupos de uma sociedade, priorizando o público de um projeto cultural como cidadão atuante e não como consumidor. Os avanços certamente existem e a dimensão da cultura ingovernável colabora para que iniciativas marginais encontrem seus espaços para realização. No entanto, encarar essas dificuldades do ponto de vista da gestão cultural e levar essas discussões ao alcance dos debates públicos é determinante para a aproximação de um cenário cultural de investimentos verdadeiramente representativo da pluralidade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo, ao longo das reflexões sobre a poética de Ana Cristina Cesar e sobre as ações em torno de sua obra até os dias de hoje, procurou compreender a motivação que resultou no documentário *Bruta Aventura em Versos*, mostrando como a potência e a força da criação de Ana C. pulsa numa experiência singular, num mergulho em seu universo subjetivo.

O artigo passa pela apresentação de Ana Cristina Cesar, pelos seus temas mais recorrentes, pelo contexto e geração em que viveu, pelo olhar de seus importantes amigos e estudiosos, até chegar ao trabalho corajoso da jovem cineasta Letícia Simões. O caminho metodológico não poderia deixar de ser um grande mergulho na obra de Ana C., só com uma dimensão mais próxima daquilo que constitui sua criação é possível compreender a dimensão do processo criativo do *Bruta Aventura em Versos*. Além disso, a contextualização dessas obras em relação à concepção e ao estudo de gênero, foi determinante para entender a força da subversão contida em cada palavra, gesto e voz da poeta.

É importante destacar a contribuição da cineasta Letícia Simões nesse percurso metodológico, com a cessão do documentário para estudo e, com depoimentos cheios de vida e detalhes sobre o processo desde sua concepção, produção e veiculação, de 2009 até hoje. Apresentando o relato de uma experiência significativa para o estudo dos mecanismos de incentivo para a realização de projetos culturais distantes do interesse de mercado. Mostrando as dificuldades em encontrar meios estáveis para uma atuação poética e cultural, assim como mostrar os caminhos possíveis para a continuidade de um trabalho no meio cultural comprometido com os interesses experimentais, literários, artísticos e sociais, de fato.

A experiência no *Bruta Aventura em Versos* permite um resgate da poesia e mostra sua influência na vida das pessoas, na Geração Mimeógrafo e nas gerações seguintes, destacando como a palavra poética fragmentada ou concentrada está presente e viva no cotidiano e na essência humana. Essência essa que não abre mão da expressão, mesmo nos momentos históricos e sociais mais difíceis, como na ditadura militar, na indústria cultural massificadora ou nos tempos líquidos de consumismo desenfreado da atualidade. Destacar a criação de Ana Cristina Cesar como uma poeta extremamente atual acentua os lugares sociais da mulher como intérprete atuante de seu tempo, e reorganiza seu papel na história de lutas

políticas e pessoais para garantir o direito às iguais condições de expressão e existência dos anos 70 até hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CESAR, Ana Cristina. Literatura não é documento. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

_____. Inéditos e Dispersos. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. Escritos no Rio. 2. ed. Rio de Janeiro: Brasiliense e UFRJ Editora, 1994.

_____. A teus pés. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. Album de retazos: antologia crítica bilíngüe: poemas, cartas, imágenes e inéditos. Buenos Aires: Corregidor, 2006.

_____. Correspondência Incompleta. 1. Ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

_____. Antigos e soltos: poemas e prosas da pasta rosa. Organizado por Viviane Bosi. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2008.

HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). 26 poetas hoje. 6. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

_____. Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. A terceira mulher: permanência e revolução do feminino. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

MORICONE, Ítalo. Ana Cristina Cesar: o Sangue de uma Poeta. Rio Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

WEBGRAFIA

BITTENCOURT, Rita Lenira de Freitas. Hibridismo e Autoria: a subversão dos limites em Ana Cristina Cesar. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/35861/23311>, acesso em 03/05/2013.

FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u397254.shtml> , acessado em 18/04/2013.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. (1994). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Portal Issu. Disponível em: <http://www.issuu.com/heloisabuarquedehollanda/docs/tendenciaseimpasses>, acessado em 26/04/2013.

_____. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/>, acessado em 02/03/2012.

_____. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/category/artigos/sobre-mulher/?s=%22Ana+Cristina+Cesar%22&x=-1123&y=-30> , acessado em 20/04/2013.

_____. Disponível em: http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/wp-content/uploads/2011/07/2011junjuljorpoesia61_cacaso.jpg , acessado em 20/04/2013.

_____. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/a-poesia-marginal/> , acessado em 21/04/2013.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. Disponível no site <http://ims.uol.com.br/hs/anacristinacesar/anacristinacesar.html>, acessado em 12/2012.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/AlbinoRubim.pdf>, acessado em 26/04/2013.

SCOTT, Joan. (1999) Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Disponível em: <http://wesleycarvalho.com.br/wp-content/uploads/Gênero-Joan-Scott.pdf>, acessado em: 12/04/2013.

_____. O enigma da igualdade. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a02v13n1.pdf>, acessado em 12/04/2013.

SOUZA, Carlos Eduardo Siqueira Ferreira de. A lírica fragmentária de Ana Cristina Cesar: autobiografismo e montagem (2008). Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7846, acessado em 10/04/2013.

VILLAÇA, Pablo. (2011) Portal Cinema em cena. Disponível em: <http://www.cinemaemcena.com.br/plus/index.php>, acessado em 20/04/2013.

ANEXOS

Anexo 1. Entrevista com Leticia Simões

Você pode contar um pouco mais sobre sua trajetória, como poeta, cineasta e mulher, até o Bruta Aventura em Versos?

Acho que são três caminhos diferentes que se encontraram justamente no Bruta Aventura em Versos. Minha intenção é imiscui-los de tal forma que eu não tenha mais que passar pela incômoda questão: "mas você se acha mais poeta ou cineasta?"; ou melhor, que cheguem a um ponto em que as pessoas não mais sintam a necessidade de rotular o meu trabalho (ou colocá-lo em categorias específicas). Mas partindo do começo: a poesia é o recôndito do meu trabalho. Consigo voltar aos meus primeiros interesses e localizar muito claramente a poesia, a escrita poética. À medida em que fui amadurecendo os meus interesses, as minhas leituras, surgiram outras possibilidades de expressão; aliás, acho que fui me interessando por essas outras possibilidades de inserção, de produção do poético através de outras técnicas (o cinema, as artes visuais). Mas meu primeiro caminho sempre foi através da poesia. A questão do ser mulher entra por aí - nunca me identifiquei com o lugar primeiro da mulher, nem da escrita feminina, nem do modus operandi do que (ainda) é esperado como resultado de uma produção artística feminina. Meus primeiros poemas já vinham carregados de uma fatalidade, de um obscurantismo, de um misticismo, digamos assim (vindo do fascínio com os simbolistas, com as primeiras leituras de Rimbaud, da primeira fase de Manuel Bandeira), que não era exatamente fácil de ser lido por outras pessoas. Os meus gostos cinematográficos & musicais tampouco eram fáceis de ser lidos/engolidos: os meus professores (e isso vindo de alguém que estudou a vida quase toda em colégio católico...) perguntavam o que gostávamos de ouvir e eu respondia Lupicínio Rodrigues. Ao mesmo tempo, ter uma liberdade completa artística em casa me fez não desistir, digamos assim - mas eu me tornei, de certa forma, uma estranha. Isso afia ainda mais uma navalha poética e artística, digamos assim - após um tempo, as minhas escolhas tinham que ser o mais radical possível. Mas claro: também foi uma fase.

Quando digo, então, que o Bruta Aventura em Versos foi o encontro dessas três veias (a poética, a cinematográfica e a feminina-que-não-exatamente-encontra-um-espaco-confortavel-de-discurso) foi porque pela primeira vez elas se reuniram em um projeto comum. Eu já tinha lançado meu primeiro livro, que é mais um livro de busca do que seria a poesia do que um livro de poesia em si - e feito uma ou outra experimentação de curta-metragem, mas

nada com o qual eu ficasse satisfeita. Em relação a cinema, trabalhava regularmente em uma produtora como assistente de direção mas todos os projetos eram de autoria do Guilherme Coelho, o dono da Matizar. Nenhum tinha exatamente partido das minhas aspirações e anseios. O Bruta Aventura reflete isso: uma das críticas mais duras foi a uma suposta ingenuidade do filme, uma falta de profundidade. Algumas vezes eu comprei essa crítica. Outras, a reneguei. Hoje vejo com olhos mais estéticos: o filme é uma busca, como há falamos algumas vezes. A busca dos personagens por sua própria Ana Cristina. A busca de uma cineasta/poeta por uma linguagem. A busca de uma poeta por outra. Enfim: é um documentário norteado por essa tríplice busca: a de uma poeta, a de uma cineasta e a de uma mulher. Sabe quando Deleuze escreve que para penetrar na linguagem é preciso estar na posição de estrangeiro? Para penetrar na poética de Ana Cristina, eu me coloquei numa tríplice fronteira: a de uma poeta que decide fazer um filme, a de uma cineasta que deseja filmar uma poética, e a de uma mulher que deseja conversar com outra através de uma obra de arte. Mas acabei saindo da sua pergunta, não foi? Você queria saber algo mais cronológico, de trajetória.

E a partir do Bruta o que mudou?

Muita coisa mudou depois do Bruta. Nos três âmbitos: profissional, emocional e artístico, passando por questões tais como maior segurança, descoberta de autonomia, certeza de quais caminhos cinematográficos seguir, um maior respeito dos outros. Ao mesmo tempo, tudo é sempre dúbio: hoje eu me situo num "limbo", em que o mundo do cinema me olha como uma poeta, e o mundo literário me encara como cineasta. Ambos os universos giram em torno de conceitos e práticas muito vezes mais sistemáticas do que realmente artísticas/estéticas - o lobby, por exemplo. Participar de congressos, ter o seu livro escolhido para uma determinada feira, entrar em um certo circuito de festival, ganhar um determinado edital - isso chama-se lobby. Ponto. Depende das pessoas que você conhece, da repercussão do seu nome em um determinado meio e das suas conexões. Por estar nessa espécie (e isso eu digo com uma equilibrada dose de sarcasmo e bom-humor) de limbo, em que a minha profissão/posição são, de alguma forma, gelatinosas, fica-se mais difícil pôr um rótulo - e o lobby é feito de rótulos e sobrenomes. Por outro lado, ajo muito sozinha e isso tem uma liberdade ímpar. Talvez se situe um pouco a questão da mulher: depois e por conta do Bruta, eu saí da Matizar e abri a minha própria produtora. Marco reuniões, cavo editais, busco conexões. Escrevo projetos, bato na

porta - enfim, um comportamento mais solitário, digamos assim. As parcerias que faço estão cada vez mais permeadas por uma congregação artística e de visões de mundo do que possibilidades e oportunidades. E isso, infelizmente, é também um mecanismo de defesa (e nisso está a questão do gênero): sinto que, ainda hoje, e estamos falando de julho de dois mil e treze, o mercado cinematográfico ainda é masculino e dominado por sobrenomes tradicionais. Em outras palavras: ainda é a estrutura de poder tradicional (em primeiro lugar) e econômico (em segundo) que dita as regras do cinema, essa "sétima arte". A minha maneira de não mais me imiscuir ou, sendo mais verdadeira, de correr à margem dessa estrutura, é tornando-me solitária e menor.

No Bruta aparecem alguns textos/poemas seus, como isso se deu?

Os textos foram surgindo de acordo com as necessidades da montagem. O primeiro texto (o que abre o filme) foi escrito antes mesmo de entrar na ilha de edição - eu já sabia exatamente como começá-lo. Essa necessidade veio muito com o Moscou, do Eduardo Coutinho, em que ele apresenta a sua 'vontade' documental e fala rapidamente do processo do filme (depois, como se verá, o processo acabará autofágico e dominará o documentário; na época, eu não sabia como iria correr o processo com as entrevistas, então pensei que talvez pudesse ir por esse caminho; o documentário é essa preciosidade cinematográfica cujo caminho vai se impondo a partir do processo...). O segundo texto, da apresentação do Armando, surgiu quase no fim. Até a terceira ou quarta versão do filme, eu o apresentava através de uma troca de e-mails nossa, falando do meu desejo de fazer o filme e entrevistá-lo, e o consequente consentimento de Armando. Já com o filme montado, percebemos (Marcinha, a editora, principalmente) que havia um excesso de texto na tela logo no início do filme - era melhor equilibrar isso. E veio a voz em off. Sobre o Correspondência, veio de uma necessidade narrativa - as pessoas que assistam às sessões perguntavam: "mas por quê colocar esse livro agora? qual a importância dele?" E só percebiam depois, já na transição para a Alice. E isso irrita, quebra o ritmo. Mas a partir do momento que eu coloco na narrativa: "Heloísa me disse que para conhecer a Ana, eu precisava ler este livro", eu crio o suspense. As pessoas já ficam interessadas. O texto de Londres veio por um pedido da Marcinha, de que eu deveria escolher um texto dessa época e lê-lo. E o último poema foi a minha catarse final.

Pelo que você tinha me contado está trabalhando num projeto de longa aprovado em edital, já é possível fazer alguma comparação entre o processo de trabalho num longa realizado de maneira alternativa e, um projeto realizado dentro das instituições de apoio com editais?

Vou te dizer: até agora o processo tem sido mais desgastante do que positivo. O resultado do edital saiu em Julho/2012. Nós estamos em Julho/2013 e até agora o depósito não foi feito. A equipe interina do filme é formada por mim, pelo curador da obra do Rodrigo de Souza Leão e pelo produtor-executivo. A ânsia gerada por essa espera é terrível. Você imagina pensar um filme durante um ano (para ter um projeto conciso e maduro para inscrever num edital) e depois esperar por mais um ano até a verba sair? Isso sendo que eles nunca disseram "vai demorar um ano", mas é sempre um festival de adiamentos e notícias imprecisas... Na realidade, acredito que quando a verba for liberada, meu "humor" (tanto em relação ao filme mas também com relação à política de editais) deve melhorar algo. Mas não muito. Não há comprometimento, não há responsabilidade com a Cultura. (Não há tampouco com outras áreas, mas especificamente vamos nos ater à pasta de Cultura). Não só em relação ao cinema. Mas e os editais de Teatro, cancelados indefinidamente? E os de Literatura, que sequer existem no estado do Rio de Janeiro (em comparação a São Paulo, que fomenta a produção e edição literárias). Ao mesmo tempo, eu vejo pessoas adiando a feitura de projetos para que eles possam ser financiados e feitos de forma possível e agradável economicamente - mas muitos ficam apenas no status de 'projetos', aquele bando de documentos que serve apenas para inscrever em editais. Qual a resposta certa? Não sei. Posso te dizer: sem dinheiro nenhum, em dois anos, fiz um documentário longa-metragem. De 2012 para cá, na área das artes visuais, fiz um videoclipe, uma videoarte e agora estou terminando um curta-metragem. Sem dinheiro nenhum. Depois de muitas conversas com o produtor e o curador do Rodrigo, decidimos uma data (25 de Julho) para começarmos o filme com ou sem o dinheiro do edital. Provavelmente, será sem. Nos reunimos, listamos tudo que temos em termos de equipamento, quais as nossas prioridades e estabelecemos um cronograma interno. Ou seja: apesar de tudo o que eu te disse, pelo visto, o esquema do Tudo vai ficar da cor que você quiser será praticamente o mesmo do Bruta. Caso, um dia, eles venham a liberar a parcela do financiamento público, será mais como uma espécie de reembolso pelo trabalho já feito do que um dinheiro efetivo de produção. Mais uma vez, eu só vou conseguir agir dessa maneira porque tenho redes de segurança: fui contratada pelo Yahoo para produzir 13 curtas-metragens

sobre São Paulo, vou dirigir um programa de televisão para o Canal Brasil, montei o primeiro longa-metragem do grupo teatral Satyros, aqui em São Paulo... Mas continuo não recebendo por fazer um trabalho autoral. Isso é preocupante.

Você acredita que a mulher de hoje tem espaço para atuar como poeta e/ou cineasta?

Sim. Agora: qual o tamanho desse espaço? Certamente é menor em relação aos homens. Basta olhar a lista dos selecionados em festivais, dos contemplados em editais. Há menos mulheres produzindo cinema? Ou há menos possibilidade de produção para essas mulheres? Por quê? Não consigo acreditar que existam mais homens capacitados nem uma maior quantidade de homens interessados em produzir cinema. A grande parte das mulheres trabalha no setor de produção - novamente, por quê? Por que há mais diretores (função: autoral) x mulheres produtoras (função: administrativa)? São dúvidas, muitas dúvidas. Li atentamente o regulamento do edital para a produção cinematográfica feminina - diz que o conteúdo dos filmes deve atravessar a discussão da questão de gênero. Por quê? É preciso ser tão explícito assim - vamos fazer um filme sobre a dificuldade de gênero no interior da Bahia - para tratar disso? Talvez seja. Talvez não devesse passar mais por aí. Entende?

Na história do cinema e na história em geral a grande maioria dos personagens principais ainda são figuras masculinas, você acredita que isso está mudando ou que tem potencial para mudar?

A Heloísa no filme dá uma chave muito lúcida para entendermos a questão da mulher (ainda mais quando se fala em produção artística): a construção cultural da mulher. Devemos falar disso e não daquilo. Devemos ser produtoras e não diretoras. Devemos ser delicadas, etéreas. Por quê não existe uma Cláudio Assis? Não é que, obrigatoriamente, deva existir - eu questiono onde está uma mulher tão enérgica, de posições e estéticas mais ligadas ao cinema marginal, na posição de diretora, de autora, de criadora - não venham me dizer que não existe. Por fim, estamos mais atentos. O surgimento de um edital como esse, de um livro como o da Angélica Freitas, da Bruna Beber... Estamos indo.

O processo de concepção e produção do longa foi registrado de alguma forma?

Infelizmente, não. Como esse processo foi inconstante e intermitente - e muitas vezes achei que esse filme não fosse acontecer, não houve nenhum registro.

Como uma produção de audiovisual pode ser importante para a difusão da poesia de Ana Cristina Cesar?

Bom, em primeiro lugar, a poesia já é algo muito mal difundido dentro da própria literatura. Lê-se pouco poesia. Há um preconceito grande, desconhecimento maior ainda e péssima distribuição. Os próprios poetas não lêem tanta poesia assim! Fora isso, apesar da figura de Ana C. ser relativamente conhecida, principalmente pelo suicídio, a poesia dela é parcamente lida. Os livros não existem fora do Rio de Janeiro - estamos em São Paulo e é difícil encontrar seus livros; o único lugar que tem é a livraria do Instituto Moreira Salles; na Cultura e na Vila geralmente estão esgotados -, e na internet os poemas disponíveis são poucos (em relação à obra inteira dela). Grande parte do público que assistiu ao filme não conhecia sua escrita, por exemplo. Muitos vieram me perguntar onde se compra os livros ou onde poderiam conseguir mais informações sobre a poesia dela.

Esse era um dos objetivos do filme?

Certamente! O filme é uma carta de amor de uma poeta para outra, sim, mas, principalmente, uma carta que quase grita: ei!, prestem atenção nessa poeta, ela é o máximo, vocês precisam conhecê-la.

É possível saber de quantos Festivais de Cinema participou, quantas exibições, o público estimado, a repercussão etc. Existe um arquivo desses resultados.

Os festivais foram: 16º Festival de Cinema do Rio de Janeiro, 35ª Mostra de Cinema de São Paulo, 15ª Mostra de Cinema de Tiradentes, Mostra Feminino - As Mulheres no Cinema Contemporâneo (Porto Alegre), 19º Festival de Cinema e Vídeo Iberoamericano (CineSul), 7º Cine MuBe Vitrine Independente, 14ª Mostra Londrina de Cinema, II Festival de Cinema & Literatura de Visconde de Mauá.

Das exibições eu perdi o controle, mas posso tentar: no Festival do Rio e na Mostra de SP foram seis sessões. Em Tiradentes, três. Durante a Mostra Feminino, o filme ficou uma semana em cartaz, com três sessões diárias, além da pré-estréia. No Cine Sul foram duas exibições. No CineMubE, uma, assim como em Londrina. Em Mauá, creio que foram duas. Fora isso, ele foi exibido na UFRJ (uma vez), na UFRGS (duas vezes), no Centro Cultural de Tiradentes (uma vez) e em um cineclube em Belo Horizonte (uma vez).

Como foi o apoio da Matizar?

A Matizar foi fundamental na confecção do filme; e eu não uso essa palavra à toa - realmente, o documentário foi feito em um processo artesanal. Todo o equipamento (câmera de vídeo, microfone, boom) era da Matizar. Alguns personagens eu só consegui chegar através do Guilherme Coelho, o dono da produtora. Durante o processo de edição (eu trabalhava lá como assistente de direção e roteirista), eles me liberaram para poder me concentrar no filme. E, finalmente, a pós-produção foi completamente financiada por eles. Ou seja: a produtora abraçou a ideia de um projeto autoral.

Como você entende a não aprovação em editais? Isso mudou o formato e resultado final?

Na época em que eu comecei a gestar o Bruta Aventura em Versos, em meados de 2009, eu era absolutamente inexperiente na relação com os editais: na escrita, na formatação, no alvo. Mirei em todos os possíveis editais, desde Petrobras a Rio Filme, fundos franceses, argentinos, americanos, canadenses, enfim. O projeto era muito apaixonado e mais concentrado na minha ânsia/urgência de explicar a beleza, a diferença, a unicidade da poesia de Ana Cristina Cesar do que falar do efetivo documentário em si, de como ele se estruturaria, de como uma ideia/paixão se tornaria, enfim, uma obra audiovisual com início, meio e fim, em 75 minutos. Obviamente, isso também tinha a ver com o fato de que eu não tinha até então uma ideia formada de como o filme seria - mas sim um dispositivo (se formos usar o termo cunhado por Eduardo Coutinho para explicar o processo dos seus documentários): partir das pessoas que usaram a poesia da Ana como um salto, uma descoberta, para o seu próprio processo de criação artística. Para mim, tratava-se de algo mais profundo que mera influência, entende? Uma pessoa, ao longo da vida, é influenciada/tocada por muitos criadores & de diversas áreas artísticas, mas no caso da Ana eu fui percebendo (inclusive a partir da minha própria relação com aquela poética) que o modo como ela engendra seu discurso poético, suas artimanhas, seu jogo de espelho, sua busca pelo diálogo com leitor e, mais, pela criação de uma poética que envolve diretamente o leitor, foi uma influência decisiva e fulminante em pessoas de 16 anos, como Alice Sant'Anna e pessoas que já estavam na casa dos 70, como Paulo José. Uma força tão poderosa que, para eles, não se tratava de apenas absorver aquelas fendas & fissuras - eles se sentiram impelidos a produzir algo, a FAZER algo, quase como se

fosse a RESPONDER ao chamado que Ana Cristina faz em sua poesia. E isso foi algo que eu descobri somente após entrevistá-los - como poderia descrever isso no projeto?

No entanto, muito mudou de 2009 para cá. Houve uma injeção de dinheiro absurda, houve a consolidação desse "novíssimo cinema brasileiro" - que eu não sei muito bem o que é, mas dizem ter a ver com um "modo colaborativo de fazer cinema" sem hierarquias & sem grandes estruturas de financiamento - e esse encaminhamento do governo do Rio para que a cidade seja a capital do cinema. Encaro como parte desse conjunto de políticas e direcionamentos da cultura carioca o fato de eu ter ganho o edital de produção de baixo orçamento para documentário, com um longa-metragem acerca do escritor carioca Rodrigo de Souza Leão. Obviamente que, de 2009 para cá, eu adquiri uma experiência muito maior na escrita de projetos culturais e no direcionamento desses mecanismos de fomento. Rodrigo, por exemplo, é um escritor carioca, recentemente falecido, com uma obra pungente e inédita, que está sendo lançada somente agora (em vida, ele publicou somente um livro). E, num momento em que o Rio está em alta (e quer se resgatar essa imagem do Rio como a cidade da cultura, em oposição a São Paulo, o "motor econômico"), faz sentido aprovar um projeto de uma cineasta de 24 anos disposta a falar sobre esse escritor. Por outro lado, como já tinha desenvolvido determinada experiência com os editais, tive uma preocupação em escrever um efetivo roteiro (que já mudou muito, óbvio, seguindo o caminho natural de um documentário, onde o processo, muitas vezes, é mais relevante que o produto final, o filme, em si) que fosse razoavelmente relacionado ao meu desejo de fazer o filme.

O fato de eu não ter ganho nenhum edital certamente modificou o resultado final do Bruta Aventura, já que o tempo de pesquisa & maturação foi uma decisão inteiramente minha. Tanto que fui à Inglaterra procurá-la. Não havia nenhuma cobrança - só a interna (o que, em determinadas horas, pode ser até pior, espiritualmente falando). No caso do Rodrigo, por exemplo, eu tenho que entregar o filme em um ano a partir do depósito da primeira parcela. Se o cronograma da Sec. de Cultura estivesse sendo cumprido à risca, nesse momento, eu deveria estar filmando na próxima semana. Por um lado, o atraso nesse depósito (que já vai pra mais de seis meses), me fez estender o tempo de pesquisa, e agora o roteiro certamente está muito mais aprofundado do que quando eu comecei a pensá-lo. Por exemplo, hoje acho que nem será necessário realizar entrevistas com outras pessoas.

Como é trabalhar num projeto dessa grandeza em que a remuneração é basicamente "amor e paixão pela poesia". É viável continuar com esse tipo de produção? Quais são as alternativas e incentivos possíveis?

Existem muitas diferentes grandezas quando falamos em documentários, sabe. Mesmo documentários de baixo orçamento, como pode se classificar o Bruta e o Tudo vai ficar da cor que você quiser (o filme sobre Rodrigo). O Bruta custou R\$ 30 mil. Tudo tem um orçamento de R\$ 196 mil. A diferença primeira está no tamanho da sua equipe: no Bruta, eu fui diretora, roteirista, narradora, fotógrafa, pesquisadora, produtora, finalizadora. No Rodrigo, já espero dividir um pouco essas funções - tenho um pesquisador que está comigo escarafunchando o arquivo pessoal do Rodrigo & as formas de contar suas histórias, e uma produtora que se encarrega da documentação e da burocracia, por exemplo. E ainda estou à espera do resultado da Petrobras - se eu ganhar, o orçamento do filme pode pular para r\$ 700 mil - veja você, sair do zero para quase um milhão.

O que me deu estofo para realizar o Bruta foi eu estar, na época, empregada. Carteira assinada, plano de saúde & todo o resto. Isso me deu uma segurança e uma liberdade ímpares para que eu pudesse seguir meu sonho - com todas as cafonices que a palavra implica - sem nenhuma garantia financeira. No caso do Rodrigo, pelas regras do cinema, eu deveria estar recebendo por esses seis meses de pesquisa - mas o que garante o efetivo pagamento das minhas contas de luz são os freelas que faço como roteirista, assistente de direção e montadora. Então, por um lado, sim, eu acho absolutamente plausível e possível continuar com esse tipo de produção - mas veja lá, estamos falando de documentário. Não sei como se comporta a ficção e, devo dizer, tenho medo, pois já me deparei com várias produções ficcionais de baixo orçamento - ou melhor dizendo, de ZERO orçamento -, com colaboração de uns e outros, e a falta de uma direção de arte mais aprimorada, de um figurino, de uma produção afinada, de um continuísta, deixaram o resultado final simplesmente tosco. Não há outra palavra: tosco. E isso é devido à falta de dinheiro. Ponto.

Acredito - e isso pode, sim, ser culpa dos meus 25 anos - em uma produção cinematográfica documental livre, no sentido de tempo e de financiamento. Os meus filmes são todos feitos em digital. Eu tenho o Final Cut no meu computador e tenho amigos que têm Color (programa de finalização de cor), Pro Tools (finalização de som) e After Effects (programa para colocar efeitos e letterings). Meu maior exemplo vem da forma como Eduardo Coutinho conduz suas produções documentais. Estou interessada nas amplas possibilidades de

construção de sentido a partir da realidade, nas possibilidades narrativas através da apreensão fílmica desta realidade, e não em lucro ou um dito sucesso comercial. Não me interessa falar com 90 milhões de pessoas (uma novela ou minissérie) ou 1 milhão de espectadores (um filme da Globo Filmes, por exemplo). O cinema que me interessa ver, discutir, pensar e, por fim, fazer, interessa a um público de festival, de mostra, a um público apaixonado por cinema, por literatura, por arte, enfim, a um público que tenha interesse em determinados códigos. Não me interessam os números, pura e simplesmente - me interessa o diálogo.

Anexo 2. Entrevista com Heloisa Buarque de Hollanda

Você acha que o documentário *Bruta Aventura em Versos* teve uma repercussão no sentido de mostrar o alcance da criação de Ana Cristina Cesar?

Repercussão não sei na medida em que tenho a impressão de que não entrou em circuito de exibição. Mas achei a melhor análise/interpretação em imagens sobre a Ana que conheço.

Acha que é possível mensurar essa repercussão de alguma maneira?

Não acompanhei a trajetória do filme depois da primeira exibição.

Qual a sua opinião sobre o *Bruta Aventura em Versos*? Sobre o seu resultado final, sua proposta visual, sobre o modo como foi realizado quase sem recursos?

Acho q a Letícia conseguiu uma identificação profunda com a Ana e o filme " falou" como se fosse a própria Ana. As imagens, o ritmo, as entrelinhas, os pequenos suspenses da dicção do filme, tudo me leva a isso.

Por que uma leitura da poesia da Ana C. é importante hoje?

Leituras e releituras de poesia são em si práticas também poéticas e interessantes. Ana Cristina tornou-se à la Silvia Plath uma poeta cult e quase um símbolo geracional. Leituras dessa poesia atualizam e traduzem em momentos diferentes os diferente ethos das gerações posteriores.

Como você enxerga o espaço da poesia de Ana Cristina Cesar e dos poetas marginais no cenário cultural de hoje?

É muito interessante porque, como aliás toda a contracultura, tornaram-se cânone. São as armadilhas que a História prepara para os contestadores...

Essa poesia tem seu devido espaço na história da literatura?

Claro. Minha antologia, 26 Poetas Hoje, na época considerada um equívoco crítico, hoje é adotada em diversos vestibulares.

Anexo 3. Ficha técnica do Bruta Aventura em Versos

artezanato eletrônico e matizar apresentam

bruta aventura em versos



armando freitas filho
alice sant'anna
ana kutner
augusto guimaraens
chacal
heloísa buarque
laura liuzzi
marcia rubin
patricia nierdermeier
paulo josé
oscar saraiva

direção: letícia simões / roteiro: letícia simões e márcia watzl / produção executiva: guilherme cezar coelho e pedro cezar / produção: letícia simões, luana fornaciari e mariana ferraz
fotografia: alberto bellezza e mariana bley / montagem: márcia watzl / som direto: paulo henrique silva





Ícone da poesia marginal dos anos 1970 no Rio, Ana Cristina Cesar faleceu em 1983, aos 31 anos, deixando inúmeros leitores e adeptos. Ela criou versos, traduziu poemas e contos, pesquisou sobre cinema e literatura, escreveu artigos. Seu estilo direto, delicado e visceral influenciou o trabalho de diversos artistas. A partir da apropriação de sua obra por outras pessoas, Bruta Aventura em Versos procura captar a beleza e a originalidade de sua escrita, seja através da dança de Marcia Rubin, do espetáculo de Paulo José e Ana Kutner ou da poesia de Alice Sant'Anna. Todos, de maneiras diversas e particulares, conviveram com as vírgulas, as pausas, a voz e os olhos da poeta.

Bruta aventura em versos

Ficha Técnica**direção:** Letícia Simões**roteiro:** Letícia Simões e Márcia Watzl**produção:** Letícia Simões, Luana Fornaciari, Mariana Ferraz**produção executiva:** Guilherme Cezar Coelho e Pedro Cezar**fotografia:** Alberto Bellezia, Mariana Bley**fotografia adicional:** Letícia Simões, Pedro Cezar**montagem:** Márcia Watzl**som direto:** Paulo Henrique Silva**música original:** Marcos Kuzka Cunha**pesquisa de imagens:** Letícia Simões e Márcia Watzl**texto e narração:** Letícia Simões**edição de som:** Vinicius Leal e Jesse Marmo**finalização de imagem:** Link Digital**motion design:** Diego González**design gráfico:** Bernardo Alevato**Bruta aventura em versos**



EmCena
Twitter  RSS
ADICIONAR DADOS
ATUALIZAÇÕES DO SITE
EDITORIAL
FILMES
Estreias
Estreias futuras
Acervo
NOTÍCIAS
Cinenews
Variedades
Premiações
Entrevistas
Arquivo
CRÍTICAS
Pablo Villaça
Resenhas
A voz do cinéfilo
MULTIMÍDIA
Trailers
Fotos
Cartazes
Podcast
Músicas-tema
Diálogos
COLUMNAS
Cinema em Cena responde
Conversa de cinéfilo
Falando em dvd
Sobre trilhas
Mais columnas
BASTIDORES
Você sabia?
Falha deles
Roteiros
Design de produção
EXTRAS
Promoções
Bilheterias
Perfil
BLOGS
Diário de bordo
Gabinete do Kas
CINEMA EM CENA
Equipe
Fale conosco
Fórum
Lista de discussão
 <small>Relacionamento com Responsabilidade</small>

★★ Premiações ★★

Resenha: "Bruta Aventura em Versos"

15/10/2011

Festival do Rio

Bruta Aventura em Versos (Idem, Brasil, 2011). Dirigido por Leticia Simões.

por **Pablo Villaça**

Em primeiro lugar, um esclarecimento ético: a diretora deste documentário, Leticia Simões, fez meu curso de Teoria, Linguagem e Crítica no Rio de Janeiro em 2009. Estou certo de que isto não afetou meu julgamento acerca de seu trabalho, mas vale a observação.

Uma das mais importantes integrantes do movimento da poesia marginal (ainda que alguns questionem se realmente se encaixaria entre estes artistas), a carioca Ana Cristina César ainda exerce, quase 30 anos depois de sua morte, um óbvio fascínio sobre os jovens poetas brasileiros. Apaixonados pelos textos da poetisa (que muitas vezes flertava com a prosa em seus poemas), eles surgem neste *Bruta Aventura em Versos* lendo pequenos trechos da obra de Ana C. e também alguns de seus próprios trabalhos criados sob a influência da musa – e é um dos pequenos prazeres proporcionados pelo documentário perceber como invariavelmente estes poetas soltam rápidas e constrangidas risadas sempre que terminam de recitar seus versos, num misto de embaraço e júbilo contido.

Claramente dividindo com seus entrevistados a admiração pela poetisa, a jovem diretora Leticia Simões parece mais curiosa em decifrar não os fatos relativos à vida da artista, mas sim em abordar os efeitos e sensações que sua obra provocou e provoca ainda hoje – um interesse poético por natureza. Isto, claro, não a impede de investigar fatos biográficos da personagem, incluindo, ao longo da projeção, imagens de arquivo, documentos e até mesmo manuscritos rasurados. Além disso, através dos depoimentos de amigos de Ana Cristina e de parceiros profissionais, percebemos, por exemplo, como o pouco alcance popular da poesia finalmente apresentou um aspecto positivo ao levar os censores da Ditadura a relaxarem suas imposições sobre estes textos, permitindo o surgimento de trabalhos corajosos que desafiavam o regime de uma forma mais escancarada do que o habitual para a época.

"Discreta em sua vida pessoal, mas indiscreta em sua poesia" – como alguém a descreve em certo instante –, Ana surge em *Bruta Aventura em Versos* como uma escritora compulsiva, como uma mulher que dedicava à redação de cartas dirigidas aos amigos o mesmo cuidado que empregava na elaboração de suas poesias – e seu apuro estético e com a carpintaria de seu texto se encontravam justamente entre as razões que posteriormente levariam alguns a questionar seu lugar entre os poetas marginais do período (algo que a crítica literária e pesquisadora Heloísa Buarque de Hollanda convincentemente contesta no filme, assegurando que, questões estilísticas à parte, Ana Cristina era obviamente uma expoente daquela geração).

Mas a beleza da longa de Leticia Simões não reside apenas em seu claro amor pela poetisa, mas também em sua fascinação pela palavra escrita – algo tão raro nos dias de hoje. Assim, ao trazer um depoimento de Ana sobre um poema que escreveu ao extrair palavras de um texto de Drummond, a jovem diretora estabelece um jogo poético inteligente com seu próprio filme, que frequentemente inclui grafismos que ressaltam, em textos na tela, passagens específicas dos versos lidos pelos entrevistados. Além disso, os diversos planos-detalhes que enfocam poemas impressos acabam expondo a profunda beleza que reside na simples presença de palavras num papel, o que não deixa de ser encantador como estratégia visual.

Pecando pontualmente apenas pelo hábito bobo de documentaristas em incluir quadros que revelam apenas as mãos dos entrevistados (algo que na maioria absoluta das vezes não acrescenta nada ao que está sendo discutido, sendo apenas um vício do gênero), *Bruta Aventura em Versos* merece aplausos também por trazer sua protagonista em uma única entrevista no início da projeção para apresentá-la ao público, mantendo-a no restante do tempo apenas em descrições feitas por aqueles que a conheceram, fotos e, claro, em depoimentos em áudio que, trazendo sua voz isoladamente, ressaltam a aura de mistério que a passou a cercá-la após sua morte prematura aos 31 anos de idade.

Mais do que uma homenagem a Ana Cristina César, *Bruta Aventura em Versos* é uma declaração de amor à poesia e ao talento daqueles que expressam, em verso ou prosa, as angústias, prazeres e humores da alma humana. **(4 estrelas em 5)**



Ioly Oliveira

Inema

Às Pés de Ana C.

26.10.2011 08:53

Curtir 10

Tweetar 2

0

2



Em cartaz na 35ª Mostra de Cinema de São Paulo, documentário retrata o impacto da poesia de Ana Cristina César nas novas e velhas gerações

Ícone da "geração de 80", a escritora carioca Ana Cristina César saltou do sétimo andar do apartamento dos pais, no Rio de Janeiro, no dia 29 de outubro de 1983. Seu suicídio, aos 31 anos, aconteceu cinco anos antes do nascimento da cineasta Letícia Simões. Ana Cristina César era do tempo do mimeógrafo e da Ditadura Militar. Letícia Simões é do tempo da Internet e do governo Lula. Ainda assim, a diretora de 23 anos, apaixonada por Ana Cristina César

desde os 16, rompeu as barreiras geracionais e mergulhou por dois anos na obra poética da escritora. O resultado é o documentário *Bruta Aventura em Versos*, em cartaz desde ontem (24) a 35ª Mostra de Cinema de São Paulo.

O cineasta conheceu Ana aos 16 anos, por intermédio do livro *Morangos Mofados*, de Caio Fernando Abreu. O nome de Ana Cristina figurava entre muitos no livro de contos, todos eles dedicados a alguém. Na época, a diretora vivia em Salvador (BA), onde, segundo ela, "tudo era mais difícil". Mesmo assim, ficou louca. "Nunca comprei um livro dela em Salvador, tudo o que eu conhecia era pela Internet", lembra. Alguns anos depois, já no Rio de Janeiro, onde estudou cinema na PUC-RJ, Letícia ficou espantada ao descobrir que muito pouca coisa sobre Ana Cristina havia sido produzida em audiovisual. "Existem muitas teses, mas em cinema quase nada", explica.

eis também:

**os ombros não suportam o mundo
ovens, desobedeçam**

Nascida no Rio de Janeiro em 1952, Ana Cristina César foi poeta, ensaísta e tradutora. Sua obra

poética concentra-se basicamente em *As Pés*, reunião de poemas inéditos, e de produções anteriores, publicado um ano antes de sua morte. Depois de passar anos esgotado, o livro foi relançado pela editora do Instituto Moreira Salles em 2008.



A diretora Letícia Simões, de 23 anos

Movida pela ideia de produzir seu primeiro longa-metragem sobre a escritora, Letícia passou meses entufada na casa do poeta Armando Freitas Filho, curador do acervo de Ana Cristina César, e também no Instituto Moreira Salles, local que abriga o acervo da escritora hoje. Nesse meio tempo, apresentou Ana para sua futura equipe. "Ninguém conhecia a obra da Ana. Eu ia até o IMS, comprava todos os livros e pedia para a pessoa ler antes de decidir se queria trabalhar comigo. Graças a Deus, quase todo mundo topou", lembra ela, aos risos. Como todos trabalharam praticamente de graça, o documentário foi feito quase com orçamento zero – o único

gasto, de 2.200 reais, foi para comprar imagens de arquivo da rede Globo. A fim de seguir os passos da escritora, Letícia também morou por três meses na Inglaterra. "Fui até as cidades que ela morou, andei na rua em que ela morou, peguei os livros e percorria todas as indicações", conta.

Ao longo de 75 minutos, o filme procura deslindar versos e capturar impressões daqueles que conviveram ou que, de alguma forma, tiveram suas vidas marcadas pela existência de Ana Cristina. Contemporâneos como o poeta Armando Freitas Filho e a ensaísta Heloisa Buarque de Holanda aparecem ao lado de jovens do nosso tempo, como a escritora Alice Sant'Anna e a atriz Ana Kutner, que estrelou a peça *Um navio no espaço* ou *Ana Cristina César*. Todos falam, principalmente, sobre a poesia, a estética e a relevância da escritora. Não há, porém, pistas cronológicas ou detalhes da biografia de Ana Cristina. As informações sobre seu nascimento e morte estão, propositalmente, fora do foco do filme. "Quem sou eu para falar da morte dela?", ponderou a diretora no debate realizado ao fim da sessão de estreia em São Paulo. "Não era minha intenção fazer uma cinebiografia. Eu queria fazer um filme sobre a poesia de Ana Cristina e sobre as pessoas que tiveram a vida mudada por ela", justifica.

A poesia é, de fato, personagem principal do documentário. Aparece encarnada em palavra escrita, digitada em obsoletas máquinas de escrever ou traçada à mão pela própria Ana. Ou ainda na voz do ator Paulo José, do poeta marginal Ricardo Chacal e da escritora Alice Sant'Anna. A impressão é que, a despeito de rótulos como "poesia marginal" ou "poesia feminista" o abismo do tempo não conseguiu aplacar a força de sua obra. "A poesia da Ana fala sobre uma intimidade e uma verdade que sempre vai ser universal. Ela te rasga, ela rasga



Obama não é o Tio Sam



Luis Nassif

As questões pendentes n

Maurício Dias
Gurgei acuadoThomas Wood Jr.
A praga da liderança
Prozac

Eventos

Premiação

O melhor de 'As Empresas Mai
Saiba tudo o que ocorreu na edição deste

Programa

Poesia e humor carioca se destacam em Tiradentes

Longas-metragens inéditos chamam atenção na mostra mineira

23/01/2012 22:19 - Luiz Joaquim*



TIRADENTES (MG) - Dentro do panorama de 31 longas-metragens selecionados para a 15ª Mostra de Cinema de Tiradentes, foram reservadas para o domingo a pré-estreia nacional de dois trabalhos cariocas: "Bruta Aventura em Versos", de Leticia Simões, e "Paraíso aqui Vou Eu", do incansável Cavi Borges com Walter Daguere.

Em "Bruta Aventura...", a poetisa Leticia estreia num longa-metragem investigando sobre a vida e obra de Ana Cristina César (1952-1983), outra poeta normalmente vinculada à poesia marginal carioca dos anos 1970. Como diz a sinopse, o doc. "é uma tentativa de agarrar, ainda que no ar, a escritora Ana C."



A POETISA Ana Cristina tem sua obra revisitada em filme

Divulgação

A estratégia narrativa de Leticia foi tradicional e eficiente. Alterna trechos dos poemas íntimos e ao mesmo tempo "traíçoeiros" de Ana com depoimentos de jovens escritoras contemporâneas, como Laura Liuzzi e Alice Sant'Anna, e personalidades contemporâneas a poetisa - como Armando Freitas Filho, Heloisa Buarque de Holanda, o poeta Chacal ou os atores Paulo José e sua filha Ana Kutner, que encenaram, em 2010, a peça "Um Navio no Espaço ou Ana Cristina César".

Para os ignorantes da obra de Ana C., "Bruta Aventura..." surge como um sedutor convite para conhecê-la, mesmo àqueles que torcem o nariz para o assunto poesia. Leticia foi feliz aqui na escolha dos poemas que mostra e com os depoimentos ora definidores ora cambaleantes (e por isso mesmo belos) pela experiência dos entrevistados em ter vivido os poemas de Ana C. O filme abre com uma imagem rara, de uma entrevista da cinebiografia concedida para a televisão por ocasião do lançamento do livro "A Teus Pés", em 1982, um ano antes de cometer suicídio aos 31 anos.

A atmosfera da ficção "Paraíso aqui Vou Eu" segue em direção oposta: a do humor juvenil. No filme, Francisco (Guilherme Piva) é um jornalista quarentão sem dinheiro, que tem como melhor amiga a ex-mulher Sarah (Solange Badim). Ambos se envolvem com uma jovem (Natália Garcez) que vai redefinir a relação dos dois. Enquanto isso, Francisco vai seguindo o conselho amoroso do amigo imaginário Chicão (Álamo Facó), lembrando o filme "Sonhos de um Sedutor" (1972), com Woody Allen.

"Paraíso..." não inicia bem. A encenação acelerada dos diálogos distrai do conteúdo e chama a atenção para a própria encenação, só que pelos motivos errados. As boas situações, o roteiro bem amarrado e a ótima presença de Facó vão, entretanto, tornando o filme mais próximo do espectador, a ponto das falhas não importarem mais. "Paraíso..." começa então a ganhar pontos e mostra-se como uma interessante alternativa para o cinema brasileiro, aquele que dialoga com o espectador sem meias palavras e com leveza, mas que infelizmente, ainda não encontrou um canal de distribuição para as salas de cinema do País.

*Viagem a convite da Mostra

Brasil

Cidadania

Economia

Esportes

Geral

Grande Recife

Informática

Planeta

Polícia

Política

Programa

Entre a tradição e a modernidade

Mostra Ozu em 16mm na Fundação

Tereza Cristina tem segredo parcialmente revelado

Horóscopo

Céu de confeitiro

Muitas atrações, hoje, no JGE

Filme mineiro "derrapa" e frustra expectativas

Divulgada lista com indicados ao Oscar

Trocando em Miúdos

Regional

CINEMA Notícia da edição impressa de 19/03/2012

Documentários delicadamente viscerais

Priscila Pasko

Colocar em prática a discussão sobre a condição da mulher na sociedade e no contexto histórico faz-se necessário, isso todos sabem, afinal, nada mais justo não limitar-se ao assunto apenas no Dia Internacional da Mulher. E, para expor de maneira contundente e comprometida o tema, o CineBancários (General Câmara, 424) exhibe entre o dia 20 de março e 1 de abril a mostra *No feminino - as mulheres no cinema contemporâneo*. A atração reúne diversos títulos que têm a mulher como principal protagonista. A entrada é franca e os horários de exibição acontecem sempre às 15h, 17h e 19h.

Um dos destaques é *Bruta aventura em versos*, da diretora Leticia Simões, que terá exibição única amanhã, às 19h. Após a sessão, acontece um bate-papo com a diretora e a psicanalista Liliane Froemming.

O longa conta parte da história da escritora Ana Cristina Cesar por meio de seus versos, cartas e relatos de amigos. Sob ressalvas, Ana Cristina é considerada um dos importantes nomes do movimento da poesia marginal dos anos 1970, no Rio de Janeiro, também conhecido como a "geração mimeógrafo", que produzia e distribuía seus trabalhos com o auxílio dele.

"Como quase tudo nela, era um sim e um não. A poesia marginal pregava coisas que Ana era contra, como a oposição estrutura poética, formalism improvisado, instantaneidade etc. Ela tinha uma preocupação grande com o fazer literário." Ou seja, era uma marginal dentro do movimento marginal. A diretora conheceu Ana Cristina por meio das obras de Caio Fernando Abreu, quem fez dedicações a ela em poemas, como em *Morangos mofados*.

A escritora carioca criou versos, traduziu poemas e contos, pesquisou sobre cinema e literatura, escreveu artigos, ministrou aulas e redigiu cartas. Conhecida por seu estilo direto, mas delicado, visceral e comunicativo - assim como nas cartas, que também adotam um estilo poético - influenciou literatura e a poesia de diversos artistas e se relacionou com muitos outros. E são alguns deles que aparecem no documentário, como a ensaísta Heloísa Buarque de Holanda, o poeta Ricardo Chacal, Alice Sant'Anna e a coreógrafa Marcia Rubin, que já produziu um espetáculo, *Tudo que nunca te disse*, baseado na obra da escritora. Marcia conta no filme que percebeu que a tensão dos versos da escritora poderia ser transformada em movimento.

O documentário se atém à vida artística de Ana Cristina, que se suicidou aos 31 anos. Leticia diz que procurou, desde o início, privilegiar a poesia de Ana Cristina e não se ater à pessoa. "A obra está muito impregnada na vida dela, por isso acho mais interessante chegar a aspectos da vida através da poesia. Porque, de qualquer forma, a vida passa e a poesia fica", conta. Os depoimentos ainda destacam que Ana Cristina era discreta na vida pessoal e indiscreta na poesia.

Imagens de arquivo, áudios de entrevistas e textos mesclam-se durante os 75 minutos do filme. De fato, não é muito fácil levar para a tela o tema principal do longa, a poesia, sem que o mesmo não se transforme em uma exibição enfadonha de recitações ou exibição de textos na tela, o que não é o caso de *Bruta aventura em versos*. "Desde o início não queríamos pessoas recitando, mas se acontecesse, que fosse casual. Também cobrimos imagens de leitura, quando esta não assumia uma estrutura clássica de poema", conta a diretora que também se apoiou na montagem para que o resultado fosse satisfatório. Trechos dos poemas são escritos na tela, filmados no mimeógrafo, recitados de forma quase informal, como em uma conversa.

A mulher no cinema

Além do longa *Bruta aventura em versos*, de Leticia Simões, a mostra *No feminino - as mulheres no Cinema Contemporâneo* vai exibir outras produções que abordam o protagonismo feminino na sociedade contemporânea. *Quebradeiras*, de Evaldo Mocarzel, documentário que fala de mulheres da região do Bico do Papagaio que extraem palmeiras de babaçu e fruto de seu sustento; *Sem teto nem lei*, de Agnès Varda, história de uma garota andarilha que tem sua história contada pelas pessoas com quem cruzou; *Duas senhoras*, de Philippe Faucon, conta história de idosa juda que necessita de cuidados, recebe a ajuda da enfermeira Sélina, uma mulçumana; e *Visage de femmes*, de Desiré Ecaré, ficção que mostra a vida cotidiana de mulheres africanas para conseguir conquistar lugar na sociedade. O documentário *Quando as mulheres intervêm*, de Jean-Michel Gaillard Khémis, que relata a história do feminismo, do pós-guerra aos nossos dias através de três gerações de mulheres; *Marguerite como em mesma*, de Dominique Auvray, documentário que evoca Marguerite Duras.

TRT-RS/DIVULGAÇÃO/JC



Obra de Ana Cristina Cesar é tema do longa *Bruta aventura em versos*

Busca por
palavra-chave:

Buscar

PROSA

Enviado por **Thais Britto, de Paraty** - 07.07.2012 | 06h30m

Cineasta baiana lança documentário sobre Ana Cristina César

Leticia Simões leva à *Off-Flip* vídeo sobre a obra da escritora que faria 60 anos 2012



Baiana de nascimento, a cineasta Leticia Simões tinha 16 anos e morava em Salvador quando leu, pela primeira vez, um poema de Ana Cristina Cesar. Enlouqueceu, segundo o próprio relato. Aos 19, quando se mudou para o Rio, é que começou a comprar — e devorar — os livros da autora carioca, que cometeu suicídio em 1983 e completaria 60 anos em 2012. Hoje, aos 24, Leticia tenta resumir na tela a influência e a importância da escritora na sua vida e na de outros artistas em "Bruta aventura em versos", documentário sobre a obra da poeta que ela dirigiu e exhibe, hoje, às 19h, no Atelier Lucio Cruz (Rua Dona Geralda s/n), como parte da programação da Off-Flip. No longa, o primeiro de sua carreira, Leticia conversa com artistas de diversas vertentes que foram influenciados pela obra de Ana, além de usar os textos da autora para auxiliar na narrativa.



— O foco do filme é a poesia e sua apropriação



por outras linguagens artísticas. Entrevistei, por exemplo, Marcia Rubin, Patrícia Niedermeier e Oscar Saraiva, que fizeram um espetáculo de dança sobre Ana Cristina Cesar, Paulo José e Ana Kutner, que desenvolveram uma

peça de teatro, além de três novos escritores que trabalham diferentes aspectos da obra da Ana: Alice Sant'Anna, Laura Liuzzi e Augusto Guimarães.

Poesia que é falsamente simples

Um dos desafios do documentário foi encontrar um jeito de incluir os poemas na narrativa de forma cinematográfica. Letícia conta que o principal objetivo era dar um ritmo de leitura aos textos e, ao mesmo tempo, relacioná-los com as imagens. Os poemas aparecem, portanto, ora filmados no rascunho da escritora, ora como de fossem datilografados ou em formatos pensados por um designer. Apaixonada pelo trabalho de Ana, Letícia lamenta que a escritora, muitas vezes, seja lembrada apenas por sua personalidade.

— Fala-se muito de Ana Cristina Cesar mas se lê pouco de Ana Cristina Cesar. A persona dela ficou mais importante do que a palavra escrita. Há muitas teses sobre a Ana, seu falecimento, mas poucas sobre sua estética, a modernidade que trouxe e a ruptura que provocou na poesia. As pessoas só querem estudar a Ana linda, loura, poeta da zona sul, marginal. A personagem. Isso é muito perigoso, e bobo até.

Lançado no Festival do Rio do ano passado, "Bruta aventura em versos" já viajou por festivais pelo país, como a Mostra de São Paulo, os festivais de Tiradentes e Porto Alegre, e ainda vai para Salvador e Londrina. A estreia em circuito, no entanto, está marcada apenas para 2013. Com isso, quem sabe, a diretora espera chamar mais atenção para o que realmente importa a respeito de Ana Cristina Cesar:

— A poesia da Ana tem uma coisa do que cabe e não cabe na literatura que é muito nova. Ela tem uma poesia que é falsamente simples. Da primeira vez que você lê, parece tudo muito simples. Ela não tem aquela métrica e aquelas palavras rebuscadas. Mas, à medida que você vai na entrelinha, lendo e relendo, você vê que aquilo tem uma força, uma urgência e até uma certa violência na forma com que ela vai te esquadrinhando. A Ana fala diretamente com o leitor, algo que não acontecia na poesia. Ela abre um campo de possibilidades que está aí até hoje, tamanha a quantidade de mulheres que se inspiram nela. Ana ofereceu ao mundo a possibilidade de fazer uma nova poesia.

A diretora

Letícia Simões e José Padilha

Movidos pelo inconformismo, a jovem que largou o jornalismo e o criador de Tropa de Elite exibem uma paixão irrefreável pelos temas fortes e polêmicos

por Lula Branco Martins | 14 de Setembro de 2011



José Padilha, 43 anos, frequentou os bancos da mesma universidade de Letícia Simões, 23. Mas quem os conhecesse na PUC ainda calouros dificilmente apostaria que o futuro dos dois tivesse a ver com cinema. Ele cursou administração e especializou-se em economia. Ela fez jornalismo. Apesar de ambos tentarem seguir a carreira original, encantaram-se pelo universo das luzes e câmeras e pelas obras com fortes tintas documentais. Ex-funcionário de um banco de investimentos, Padilha debutou nas telas com *Ônibus 174* e entrou para a história do cinema nacional com *Tropa de Elite 1 e 2*. Nos três trabalhos, ele se propôs a revelar os mecanismos que engendram a violência urbana. “Em *Ônibus*, eu mostro que o estado cria criminosos pela forma como lida com meninos de rua”, diz. “Já *Tropa 1 e Tropa 2* exibem como o poder oficial produz PMs corruptos por administrar pessimamente a polícia”, explica o cineasta, que dirigirá a refilmagem de *Robocop* nos Estados Unidos. Uma vocação semelhante de expor nas telas feridas incômodas também é apresentada por Letícia. A diferença é que, em vez de se debruçar sobre tiros e execuções sanguinárias, a jovem baiana radicada no Cosme Velho procura enxergar nuances de uma realidade cruel por trás de poesias. Seu primeiro longa, em fase de conclusão, chama-se *Bruta Aventura em Versos* — e esmiúça a vida e a obra de Ana Cristina César, poetisa carioca que se matou em 1983, aos 31 anos.

Bruta aventura em versos

Anexo 4. Capa da versão impressa.

